

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

**O FALAR POCONEANO: UM ESTUDO SOBRE AS VARIEDADES
LINGUÍSTICAS EM USO**

JAQUELINE DIAS DA SILVA

CÁCERES-MT

2016

JAQUELINE DIAS DA SILVA

O FALAR POCONEANO: UM ESTUDO SOBRE AS VARIEDADES
LINGUÍSTICAS EM USO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística oferecido pela Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim

CÁCERES-MT

2016

Dedico este trabalho, este sonho realizado,
à minha família, por me fazer acreditar que era possível.

Aos meus amigos que tanto incentivaram-me.

Aos meus queridos professores. Em especial à minha
orientadora Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim.

“Estes tipos de teorias crescem vagarosamente: emergem da sujeira e das ruínas do cotidiano, nunca totalmente livres de erros de mensuração e outras irregularidades comuns. Tomam forma, crescem fortes e confiáveis na medida em que mantêm relação com o cotidiano e enquanto são cultivadas por aqueles que o compreendem. Sua beleza repousa, não em sua simplicidade ou simetria, mas na forte relação com a realidade.”

(LABOV, 1981, p. 305)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus pelos dons que me deu. Por ter me amparado nas dificuldades. Pela oportunidade da vida.

Agradeço a minha orientadora da vida, minha querida mãe, Elena, sem a qual jamais teria realizado esse sonho.

Ao meu pai, José, pelos conselhos para vida. Obrigada.

Aos meus irmãos, Gabriel e Jéssica, pela parceria em todas as horas, pelas conversas, pelo apoio, obrigada. Também, obrigada, ao meu sobrinho João Vítor, pelas palavras cheias de carinho sempre.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres e do curso de Letras da UNEMAT/Sinop, muito obrigada.

À minha orientadora Profa. Jocineide Macedo Karim que acreditou na minha capacidade, pelas discussões teóricas, pelos conselhos e por toda dedicação que teve comigo, muito obrigada.

Aos meus colegas de sala, pela ajuda nas pesquisas, pelas conversas e debates. Obrigada.

À Profa. Suzana Arruda pela enorme contribuição me acompanhando em Poconé.

Às famílias que me receberam para realizar as entrevistas, muito obrigada.

Aos meus amigos, que mesmo em minha ausência, lembravam de mim com telefonemas, mensagens de apoio, incentivo. Muito obrigada. Tudo isso fez muita diferença.

À banca avaliadora, Profa. Dra. Gislaine Aparecida de Carvalho e Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

À CAPES, pela bolsa concedida

RESUMO

Sob os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística, este estudo teve por objetivo demonstrar os usos linguísticos do município de Poconé, o qual pertence ao Alto Pantanal, na Mesorregião Centro- Sul do Estado de Mato Grosso. Além de demonstrar os usos linguísticos do falar local pretendemos ainda compreender a diversidade cultural local, observando crenças a respeito de sua própria língua e cultura. Evidencia-se como uma hipótese a possibilidade de o falar poconeano ser semelhante ao falar das cidades da região do Alto Pantanal Mato Grossense, por terem datas de colonização próximas e por serem cidades colonizadas por bandeirantes paulistas e portugueses. O estudo é composto de estudo bibliográfico e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo, para observar os usos linguísticos dos poconeanos, foram realizadas entrevistas com falantes nativos da cidade. Para a escolha desses informantes levamos em consideração alguns critérios de seleção, dentre eles: a) ter mais de 18 anos; b) ter nascido em Poconé; c) ter pais nascidos em Poconé; d) não ter morado fora de Poconé por 5 anos ou mais; e) não ter ficado fora de Poconé, por 6 meses ou mais, nos últimos 5 anos. Primeiramente fizemos uma abordagem histórica de Poconé, seguida dos aspectos culturais mais presentes no município. Em seguida é proposta uma análise dos usos mais frequentes encontrados nos dados das entrevistas, os quais foram: alternância do uso de [ãw] e [õ]; realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]; variação na concordância nominal de gênero; ocorrência de rotacismos; e alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal; bem como algumas particularidades lexicais. Esses usos linguísticos foram apontados também por outros estudos, que reforçaram a análise dos dados, entre eles: Amaral (1920); Marroquim (1934); Nascentes (1923); Teixeira (1938) Pereira (1919); Ribeiro (1881); Macedo-Karim (2004; 2012), que justificaram os acontecimentos desses fenômenos pelo contato linguístico em período de colonização com bandeirantes paulistas, portugueses e também pelo contato com o índio, primeiro habitante da região. Os dados ainda demonstraram que as variações inovadoras, consideradas padrão, estão ganhando espaço na fala dos mais jovens, enquanto que os mais velhos ainda optam com maior frequência pelas variantes conservadoras, e a possível justificativa para isso é contato com instituições normativas como a universidade, por exemplo.

Palavras-chave: Sociolinguística; Poconé-MT; Usos linguísticos; Atitudes linguísticas; Aspectos culturais.

ABSTRACT

From the theoretical and methodological contributions of Sociolinguistics, this study aims to demonstrate the linguistic uses of Poconé city, which belongs to the High Pantanal in Mesoregion Central-South of the Mato Grosso. In addition to demonstrating the language of speaking local use we intend to understand the local cultural diversity, looking about their own language and culture. It is evident as a hypothesis the possibility of the poconeano way of speaking to be similar of the cities in Alto Pantanal Mato Grossense region, because of to have colonization dates and cities to be colonized by Paulistas and Portuguese pioneers. The study consists of literature research and field research. In this field research, to observe the linguistic uses of poconeanos, interviews were conducted with native speakers of the city. For the choice of these informants we consider some selection criteria, including: a) be over 18 years; b) been born in Poconé; c) have parents borned in Poconé; d) didn't be live out of Poconé for 5 years or more; e) don't have been out of Pocone, for 6 months or more in the last 5 years. First we took a historical approach of Poconé, followed by the more cultural aspects present in the city. Then we propose an analysis of the most frequent uses found in the data from the interviews, which were alternating the use of [aw] and [o]; affricates achievements [tʃ] and [dʒ] instead of fricatives [ʃ] and [ʒ]; variation in nominal agreement gender; occurrence of rotacismos; and uprising low central vowel [a] in nasal ambience; as well as some particular lexical. These linguistic uses were also reported in other studies, which reinforced the analysis of data, including: Amaral (1920); Marroquim (1934); Springs (1923); Teixeira (1938) Pereira (1919); Ribeiro (1881), Macedo-Karim (2004; 2012), which justified the events of these phenomena by the language contact in colonization period with Paulistas Bandeirantes, Portuguese and also by contact with the Indian first inhabitant of the region. The data also showed that innovative variations, considered standard, are gaining space in the speech of younger, while older still choose more often by conservative variants, and a possible explanation for this is contact with normative institutions such as universities, for example.

Keywords: Sociolinguistics; Pocone-MT; linguistic uses; language attitudes; Cultural aspects.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação dos informantes.....	30
Tabela 2 – Perfil Sociocultural dos informantes.....	30
Tabela 3 – Realização africada [tʃ] na fala dos informantes.....	46
Tabela 4 – Realização africada [dʒ] na fala dos informantes.....	47
Tabela 5 – Alçamento da vogal central baixa /a/ em ambiência de nasalização.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrências de [ãw] e [õ].....	38
Gráfico 2: Ocorrências [ãw] e [õ] na 1ª faixa etária.....	39
Gráfico 3: Ocorrências de [ãw] e [õ] na 2ª faixa etária.....	40
Gráfico 4: Ocorrências [ãw] e [õ] na 3ª faixa etária.....	42
Gráfico 5: Visão geral: ocorrência da africada [tʃ].....	44
Gráfico 6: Visão geral: ocorrência da africada [dʒ].....	45
Gráfico 7: Ocorrência de rotacismo por faixa etária.....	50
Gráfico 8: Visão geral: ausência da concordância de gênero por faixa etária.....	52
Gráfico 9: Visão geral: ocorrência de alçamento da vogal central baixa /a/.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O TEMA.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	15
1.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	15
CAPÍTULO II.....	16
2 A CIDADE DE POCONÉ-MT E SUA HISTÓRIA	16
2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA.....	16
2.1.1 ASPECTOS CULTURAIS DE POCONÉ-MT	23
2.2 A ENTRADA NA COMUNIDADE	26
2.3 OS INFORMANTES: CRITÉRIOS UTILIZADOS NA PESQUISA	30
2.4 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	34
CAPÍTULO III	36
3 ANÁLISE SOBRE OS USOS LINGÜÍSTICOS ENCONTRADOS EM POCONÉ - MT	36
3.1 AS VARIAÇÕES MAIS FREQUENTES NA COMUNIDADE POCONÉ-MT	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	669
APÊNDICE	75
QUESTIONÁRIO	75
ANEXOS.....	78
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	78

I

INTRODUÇÃO

1.1 O TEMA

Com o objetivo de sistematizar as variações linguísticas existentes, a Sociolinguística surgiu após muitos estudos nos quais se constatou que a linguagem reflete a diversidade social das comunidades, variando de acordo com parâmetros, tais como o espaço geográfico, o espaço social, o espaço temático e o canal linguístico, o que torna a língua, ao ser expressa no momento da fala, dinâmica e heterogênea.

O modelo do americano William Labov (1972) é um dos mais representativos desta corrente linguística e, por utilizar a estatística como aporte analítico, é chamada Sociolinguística Quantitativa. Foi, portanto, Labov quem mais insistiu na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade de sistematizar a variação existente que é própria da língua escrita e falada.

A língua, ao ser expressa no momento da fala, é dinâmica, variando em parâmetros, tais como: época, região geográfica e fatores sociais, entre outros. Dessa forma, a sociolinguística passa a ser um espaço de investigação interdisciplinar, pois atua entre duas fronteiras, língua e sociedade.

Levando em consideração o citado acima e que a língua é uma forma de interação, comunicação e expressão, a pesquisa centrar-se-á sob os aportes da Sociolinguística, que como propõe Mollica (2008, p. 9): “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

Este estudo delimitou-se no espaço, primeiramente, bibliográfico e posteriormente na cidade de Poconé-MT, situada no Alto Pantanal, na Mesorregião Centro-Sul do Estado a 100 Km da capital Cuiabá.

O objetivo deste trabalho, sob os aportes teóricos da Sociolinguística, é descrever alguns usos linguísticos, como alternância do uso de [ãw] e [õ]; realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]; variação na concordância nominal de

gênero; ocorrência de rotacismos; e alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal; bem como algumas particularidades lexicais e aspectos culturais da comunidade de Poconé, e analisá-los. Objetiva-se ainda a observação e medição do uso com que determinadas variantes atuam na fala do Poconeano. De acordo com Labov (2008, p, 216)¹: “Há muito o que se fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica.”

O interesse em discorrer a pesquisa na comunidade de Poconé surgiu da vontade em investigar os traços linguísticos do falar nesse município, que possui um caráter bastante característico.

É impossível uma língua não se multiplicar dialetalmente quando falada em uma grande área. A tendência dos velhos dialetos é de serem supridos por novos. Quando uma fala começa a adotar linha própria, é certo de que se afastará cada vez mais das outras falas, suas congêneres. Em Poconé, observamos que o falar é bastante característico e próprio, e mesmo com o passar do tempo essas peculiaridades são mantidas, o que também foi um dos motivos para iniciar essa investigação.

Supõe-se, como hipótese desta Dissertação, que o falar poconeano é semelhante às variáveis encontradas por Macedo-Karim (2004; 2012), na região de Cáceres e caracterizada pela autora como aspectos linguísticos pertencentes ao Mato Grosso antigo, ou seja, formado no período do Brasil-Colônia. Bisinoto (2000), em seu estudo sobre Cáceres registrou algumas peculiaridades que se assemelham ao falar poconeano e reproduziu as atitudes linguísticas do cacerense em relação à sua fala.

Acreditamos também que os aspectos linguísticos de Poconé aproximam-se dos dados e resultados obtidos nos estudos de Teixeira (1938), Marroquim (1934), Nascentes (1923), Amaral (1920), Pereira (1919) e Macias (2003), pensando que a miscigenação propiciou a construção do falar poconeano, e que a permanência dos falantes na região e a pouca migração fez com que esse modo de falar perdurasse até hoje sem perder muitos aspectos de suas características.

¹ A indicação de páginas se faz pela tradução brasileira de 2008, Bagno, Scherre e Cardoso.

1.2 OBJETIVOS

- Pesquisar a variação linguística com enfoque na variante fonológica, morfossintática e nos aspectos culturais de Poconé-MT;
- Registrar e transcrever o falar dos informantes de Poconé e selecionar as variações mais frequentes para análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos;

1.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em três capítulos.

No capítulo I é abordada uma visão geral do trabalho proposto, o objetivo e organização deste estudo.

O capítulo II abordará uma síntese histórica de Poconé, desde as Lavras Beripoconés, passando pelo processo de colonização, até os dias de hoje. Trazendo também a descrição dos aspectos culturais mais presentes no município atualmente.

Ainda, no segundo capítulo descrevemos como ocorreu a entrada da pesquisadora na comunidade, o critério de seleção dos informantes; descreve-se também sobre a transcrição dos dados e metodologia de análise.

Para o capítulo III reservamos as análises dos traços linguísticos comparadas aos estudos que já evidenciaram esses mesmos aspectos linguísticos, apresentamos também um fenômeno ainda pouco pesquisado por outros estudiosos que é o alçamento da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal; as variedades lexicais encontradas nos dados; E, por fim, as considerações finais do estudo.

CAPÍTULO II

A CIDADE DE POCONÉ-MT E SUA HISTÓRIA

2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

Conhecer a história de uma comunidade é ponto fundamental para entender as mudanças linguísticas por quais passam o falar de um povo. De acordo com Labov (2008, p. 21): “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

Desta forma, concordando com Labov, saber da história e formação da comunidade pesquisada torna-se necessário para o estudo Sociolinguístico, pois a história, bem como outros fatores extralinguísticos, é vista como a vida social do falante, que se transforma e influencia assim como sua língua, de modo que compreendendo a história de uma comunidade também é possível compreender a formação de um povo e conseqüentemente de seu falar. “Além dos condicionamentos entrecruzados de classe social e casta, as comunidades frequentemente desenvolvem categorias mais concretas para situar os indivíduos”. (LABOV, 2008, p. 342).

A comunidade escolhida para esta pesquisa foi Poconé- MT. Chamada, originalmente de Beri-Poconé ou ainda Beri-Poconhé, a cidade foi habitada inicialmente pelos índios² Beripoconés³, da grande família Bororo⁴. Beri-Poconé ou Beri-Poconhé, segundo historiadores, é o nome dado ao cacique da tribo da nação Bororo, daí o nome do município. Os Beripoconés, de acordo com os estudos de Rondon (1978, p. 43),

² Embora, nesta dissertação, utilizemos o termo “índios”, concordamos com Siqueira (2002, p. 18) que afirma: “A denominação “índios”, portanto, é uma criação dos europeus brancos, daí não ter tido qualquer significado maior para os próprios nativos que se autodenominam de acordo com o grupo linguístico e universo sociocultural a que pertencem”.

³ Acredita-se que o termo Beripoconé, faz referência a uma tribo de índios coroados da nação Bororo, pois segundo alguns historiadores, essa região, na época de sua ocupação, primeira metade do século XVIII, já era habitada por índios das nações Bororo e Guatós. (KARIM; CRUZ, 2016, p. 135).

⁴ “Os Bororo se autodenominam Boe. Bororo foi o nome pelo qual ficaram conhecidos e significa “pátio da aldeia”. A sua língua está classificada no tronco linguístico Macro-Jê. Atualmente, as 11 aldeias Bororo estão situadas em seis Terras Indígenas (T.I.), no Estado de Mato Grosso, num território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área muito menor do que o território tradicional.” (SOUZA; PAGLIARO; SANTOS, 2009, p. 328).

“eram indivíduos de boa aparência, [...] que se encontravam num bom estágio de desenvolvimento, repetindo a história da humanidade, da civilização”.

Sobre a nomeação de Poconé, Karim e Cruz (2016, p. 135-136) explicam que:

O nome se constrói por um processo metonímico, o lugar passa a ser identificado por aquilo que lá existe, ou seja, o chefe Poconhé passa a significar o lugar em que habitava os índios chefiados pelo cacique Poconhé, o Beripoconé. Evidentemente, esse nome ao ser enunciado enquanto nome de do lugar, não está simplesmente marcando um lugar no mundo, o funcionamento dessa nomeação carrega em si todas as histórias que dão existência aos índios/nativos da região, isto é, a nomeação rememora as narrativas sócio-históricas dos habitantes da região nesse período. Beripoconé, é assim, o nome que significa e identifica não só o lugar habitado pelos índios/nativos, o nome traz consigo enunciações que passam a significar no acontecimento de nomeação a identidade que, pelo simbólico, materializa o real desse povo.

Habitantes primeiros do território Mato Grossense, os índios foram objeto de caça. Segundo Siqueira (2002, p. 60): “Os colonizadores chegaram ávidos, não somente de transformá-los em mão-de-obra escrava, mas, sobretudo, de se apossar dos seus territórios”.

Ainda, segundo a historiadora:

O povoamento das minas mato-grossenses provocou um impacto na vida dos povos indígenas. Para os colonizadores (sertanistas paulistas) existiam dois tipos de indígenas: os “mansos” e aqueles que não se deixavam dominar, resistindo bravamente à dominação branca. Estes últimos índios eram considerados “bravios” e “selvagens”. (SIQUEIRA, 2002, p. 61)

O que levou os sertanistas para essa região pantaneira foi a descoberta das lavras⁵ de Cuiabá. Inicialmente eles capturavam os índios e os escravizavam, transformando também a mão de obra indígena, comerciável, e ainda desprezaram tão

⁵ Mineralogia. Local onde se pode extrair metais e/ou pedras preciosas. (Conceito disponível em: <https://www.dicio.com.br/lavra/>).

duramente a cultura indígena. “Até então os sertanistas só pensavam em palmilhar o sertão em busca dos índios” (RONDON, 1978, p. 57)

Entretanto, com a descoberta de ouro no Coxipó instalaram-se os sertanistas para, então, exercer a mineração. “Foi o ouro que motivou a fixação, o surgimento dos primeiros povoados que se transformaram em cidades, dentre elas Poconé.” (RONDON, 1978, p. 57). Então, em 1777, invadiram o território dos Beripoconés em busca do ouro.

Os primeiros sertanistas que pisaram a terra poconeana, com aquiescência dos valentes Beripoconés, convenceram-se da existência de lavras muito ricas, tão logo viram a enflorar à superfície grande quantidade de grânulos de ouro, o metal precioso e raro que daria origem ao povoado que se transformaria na nossa histórica Poconé. (RONDON, 1978, p. 59)

A notícia das lavras dos Beripoconés correu, chegando ao povoado de Cuiabá, Cocais e demais povoados. Então, a atenção voltou-se para aquele território, e a aglomeração de garimpeiros e senhores de escravos aconteceu rapidamente.

Segundo Karim e Cruz (2016, p. 137):

Com a descoberta das minas a região passa por um alígero e emergente crescimento populacional, cada vez mais os colonizadores vinham em números maiores, eram colonizadores, que atraídos pela descoberta de ouro na região, promovem o crescimento abrupto da região.

Isso acarreta, segundo os autores, um processo de urbanização e consequentemente ressignificação do espaço até aquele momento ainda considerado selvagem.

Após dois anos da descoberta, o povoado foi elevado a Arraial, pelo mestre de campo Antônio José Pinto de Figueiredo a mando do governador da capitania, o capitão-general Luíz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, denominando o povoado como Arraial de São Pedro D’El Rey.

Três anos depois da descoberta do minério, houve o primeiro censo, no qual já se contabilizava a surpreendente quantia de 2.118 pessoas que habitavam aquele

território. “Número avultado em relação à população civilizada da Província e o pequeno espaço de tempo entre o descobrimento e a data em que se fez o recenseamento”. (RONDON, 1978, p. 59).

Porém, com a incessante cata fácil de minérios, o ouro foi ficando escasso, não sendo mais encontrado em abundância como no início, de modo que começaram a fazer escavações. “Depois de alguns anos de escavações, volta o índio Beripoconé a mostrar-lhes que o precioso metal por eles procurado também podia ser encontrado encravado nas pedras de cristal bruto, abundante na região.” (RONDON, 1978, p. 61).

Com isso, muitos ainda continuaram extraindo o minério, mas precariamente, devido à pouca tecnologia da época para o garimpo. Porém, devido à escassez do minério, a guerra do Paraguai e a varíola, a extração de ouro durou, como atividade principal, até 1864, como afirma Rondon (1978, p. 61):

A mineração foi exercida como principal atividade econômica num período de 87 anos, de 1777 a 1864, das descobertas das lavras até a guerra do Paraguai. Esta e a varíola deixaram a população de Poconé reduzida em cinquenta por cento, metade do que existia. Ficou em maior número mulheres e jovens, alguns velhos e poucos homens em condição de trabalhar. Nessa época desapareceram os mineiros, os remanescentes se dedicaram à criação de gado e à lavoura de subsistência.

A população garimpeira iniciou o processo de abandono do Arraial em consequência do término do ouro aluvial, e foram fazer o que bem sabiam em outras terras. Conservou-se ali apenas o povo que se dedicou à agricultura e pecuária, o qual, por sua vez, ocasionou um povoamento sedentário e em decorrência disso houve um surto econômico, “importante para o arraial, apesar de sua singularidade para a casta portuguesa, pois visava o abastecimento do mercado interno e, por conseguinte, os lucros provenientes de suas negociações permaneciam no lugar” (SILVA, 2007). Por isso, é presumível que precário tenha sido o comprometimento das autoridades portuguesas no desenvolvimento do município.

Entretanto, como afirma Rondon (1978, p. 66):

No decorrer do tempo, na terra firme poconeana aumentava a população, e as criações proliferavam, continuamente surgiam novas posses, pequenas roças e início de criações, forma como a área veio sendo ocupada, inicialmente pelos desbravadores e depois pelos filhos da terra, produto do mestiçamento.

No início do século XIX, com destaque pela produção e população, o então povoado foi elevado a Distrito, para, posteriormente, em outubro de 1831 ser elevado à categoria de Vila, cujo nome ficou estabelecido como Nossa Senhora do Rosário de Poconé. Entretanto, em 1863, Poconé⁶, com este nome, torna-se comarca e finalmente em junho de 1863 é elevada à categoria de cidade, de acordo com a Lei Provincial nº 1, e desmembra-se do município de Cuiabá. (SILVA, 2007).

Também, antes do advento da República, a vida poconeana sobrevinha por um momento de calma e sem contratemplos, contudo este cenário de calma transformou-se no ano de 1889, na proclamação da República, período em que os conflitos políticos, entre monarquistas e republicanos inquietaram a sociedade poconeana de cunho eminentemente patriarcal.

Posteriormente à consolidação da República, que foi responsável pela dissolução dos empecilhos criados pelas contradições entre os poderes executivo e legislativo, resultou a ascendência em três esferas do poder executivo; federal, estadual, municipal, em benefício da contenda pelas oligarquias locais. A partir de então Poconé voltou ao seu processo normal de desenvolvimento, conseguindo reconquistar seu prestígio bissecular (SILVA, 2007).

Poconé evidencia-se no cenário político nacional mais uma vez em 1930, no Arraial do Tanque Novo no território de Poconé, quando houve a luta pelo poder entre os aliancistas e os constitucionalistas.

Em 1933 o arraial de Tanque Novo foi invadido, a mando de políticos, pelas forças policiais, pois o governo de Getúlio Vargas não consentia qualquer grupo que

⁶ De acordo com Karim e Cruz (2016, p. 142): “Enunciar Poconé no acontecimento que renomeia a região é, de certo modo, enunciar uma afirmação que diz que a nomeação do município tem uma história de enunciação indígena, ou seja, o lugar passa a existir dessa história de enunciação. O funcionamento do nome de Poconé traz como memorável essa narrativa que conta sobre seus habitantes nativos e costumes”.

não o apoiasse, e Tanque Novo, sob liderança, mais religiosa que política, de Doninha⁷, reunia um grupo de fiéis constitucionalistas, o que garantia as eleições daquele período com vitória da oposição.

Essa base política motivou a força repressiva que aniquilou o movimento em volta de Doninha, extinguindo de tal modo o "perigo político" da oposição e garantindo, finalmente, a preeminência da situação no município.

Nos anos após a solidificação da República, Poconé teve um total de 12 Intendentes. A partir de 1946, o governo municipal passou a contar com o cargo de prefeito, vice-prefeito e Câmara municipal de Vereadores (SILVA, 2007).

O município de Poconé está localizado, no Alto Pantanal Mato Grossense⁸, entre a depressão cuiabana e a planície do Pantanal, em Mato Grosso. Faz limite com os municípios de Nossa Senhora do Livramento, Barão do Melgaço, Cáceres e com o Estado de Mato Grosso do Sul (SILVA, 2007).

Segundo senso realizado pelo IBGE em 2015, Poconé conta com uma população de 32.131 habitantes, predominantemente urbana, e extensão territorial de 17.141,399 km². (IBGE, 2015)⁹. A cidade mantém até hoje o aspecto de cidade interiorana, preservando as fachadas originais das residências, as quais fazem parte da história da cidade.

A rodovia Transpantaneira é uma referência quando se fala em turismo, e é essa rodovia que atravessa o Pantanal partindo de Poconé e terminando em Porto Jofre, na divisa com o Estado de Mato Grosso do Sul.

Praticamente intocado, o Pantanal é uma exuberante beleza Mato Grossense, com uma biodiversidade única. No período de seca muitos animais silvestres podem ser vistos bem de perto, nas laterais da rodovia Transpantaneira, dentre os quais se

⁷ “Doninha, ou Senhora Laurinda Lacerda Cintra, nascida em 1931, moradora do povoado de Tanque Novo – comunidade localizada em Poconé. Curandeira conhecida, Doninha, tinha em sua bagagem profundos conhecimentos de curas provenientes das plantas medicinais, e o dom de fazer previsões futurísticas”. (GARCIA-WATANABE, 2006, p. 60)

⁸ Nesta dissertação trataremos de Alto Pantanal Mato-Grossense a região da qual fazem parte os municípios de Barão de Melgaço, Cáceres, Itiquira, Lambari D’Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antônio de Leverger. Entendendo que esses municípios são os que contém a parte alta do pantanal - referindo-se a localização geográfica - em sua composição no que diz respeito a parte do pantanal que está em Mato Grosso.

⁹ Dados disponíveis em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=510650>

destacam jacarés, tuiuiús, capivaras, veados e entre outros. Na época da cheia não se veem tantos animais, entretanto a beleza não deixa a desejar, com os aguapés por exemplo, que é um tipo de planta aquática flutuante.

Com bioma predominante de cerrado e pantanal com inundações do Rio Paraguai e afluentes, Poconé desenvolve sua economia em torno da pecuária extensiva, com a criação de bovinos, suínos, equinos, com destaque para o Cavallo Pantaneiro, o qual é adaptado ao cenário daquela região, o Pantanal.

A maior planície inundada do mundo, o Pantanal é um destaque por sua beleza e pela sua biodiversidade, conservando mais de 4.500 espécies de plantas e animais. E, por causa dessa sua conservação e importância, o pantanal foi decretado, pela constituição de 1988, como Patrimônio Nacional e Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera, pelas Nações Unidas, em 2000.

Pertence a Poconé, na proporção de setenta por cento da área total do município, a parte da encantadora planície inundável agora denominada Pantanal, dando novo significado à palavra que, segundo nos ensinavam os dicionários, designava lodaçal, pântano, paul, atoleiro. (RONDON, 1978, p. 27).

Com extensos campos de pastagem e belas campinas, prospera no Pantanal uma terra fértil com o capim mimoso, com pouca fibra e muitos nutrientes, o qual alimenta os animais beneficiando-os para procriação, crescimento e engorda.

Sobre essa vegetação pantaneira Rondon (1978, p. 29) ainda afirma que:

As matas ciliares estão presentes nas diversas partes da área, margeando rios, ribeirões, córregos, lagoas, baías, protegendo as águas, amenizando o calor, abrigando e alimentando os representantes da nossa fauna, acolhendo também as nossas criações; nos fornecem recursos naturais e econômicos: madeiras, cascas e folhas; na terra fértil desse tipo de vegetação, os pantaneiros fazem as suas roças de subsistência.

Nas atividades da zona rural encontram-se também pequenas indústrias de mandioca, rapadura, tecelagem, doces e bolos tradicionais, trabalhos artesanais, confecção de redes, utensílios de madeiras como colheres de pau, gamela, pilão,

cadeiras, jacás, estantes, apás, esteiras, artesanato. Também instrumentos confeccionados com o couro e chifres dos bovinos para o trabalho dos peões nas fazendas, como laços, chicotes, alforje, guampo, berrante, arreios e rédeas para a montaria (SILVA, 2007).

Poconé é, até hoje, um município que muito preserva suas tradições, as quais são passadas de gerações para gerações. Para conhecer um pouco dessa cultura poconeana, o próximo tópico discorrerá sobre os aspectos culturais desse município pantaneiro.

2.1.1 ASPECTOS CULTURAIS DE POCONÉ-MT

Nesse tópico serão abordados, com base nas pesquisas bibliográficas e nas entrevistas realizadas, os aspectos culturais mais presentes em Poconé, bem como algumas das características dessas tradições preservadas até hoje por seu povo.

Rica em tradições, Poconé preserva muito de sua cultura até hoje. Um exemplo disso é a *dança dos mascarados* e a *cavallhada* que são símbolos da cultura do município e são representadas em todas as datas comemorativas da cidade.

Dentre as festas mais tradicionais de Poconé está evidenciada a religiosidade por meio das festas de santos, dentre as quais se destacam as de São Benedito, Espírito Santo, Santo Antônio, São João e Nossa Senhora do Rosário a padroeira da cidade.

As festas de Santo são tradicionais na cidade e são preservadas, passadas de pais para filhos, e netos, e bisnetos, e todas as gerações. Nestas festas há muita comida e a preservação da cultura através das danças, como o siriri, cururu, rasqueado, lambadão, a dança dos “Mascarados de Poconé”, levantamento de mastro, “Iluminação” e a “Cavallhada” (SILVA, 2007).

A cavallhada era típica da região onde predominava a pecuária. Atualmente é a festa de maior destaque em Poconé. Nesta festa, a cidade “divide-se” entre cristãos e mouros, representados pelas cores azul e vermelha respectivamente. Quem representa os cristãos e os mouros, são os cavaleiros, função esta que é passada de pai para filho. Só homens participam da disputa, a qual consiste em ver quem fica com a guarda da princesa. Nesta batalha, para a guarda da princesa, são realizadas várias provas, as quais, no final determinarão o vencedor.

A cavallhada é uma apresentação semiteatral encenada sobre cavalos e que representa a luta travada na Península Ibérica, entre mouros e cristãos. Tudo se inicia quando os mouros roubam a princesa cristã e os seus partidários empreendem lutas para reavê-la. O término do espetáculo é uma dança sobre cavalos representando o regozijo dos cristãos pela vitória contra os mouros. A roupagem dos cavaleiros é riquíssima, apresentando-se os cristão de azul e os mouros de vermelho. A princesa, tal como os demais componentes do espetáculo, veste-se ricamente com uma roupa longa, toda em babados, à moda medieval. (SIQUEIRA, 2002, p, 257).

O cururu também é uma tradição que até hoje permanece viva em Poconé. Esta dança popular, muito conhecida na região da baixada cuiabana e praticada nas festas de Santos é uma forma de toada livre, ou com versos, improvisados, em sua maioria.

Muito usado nas festas de santo, na frente de um nicho de santos velhos, ou ao lado de um mastro, tocam a viola de cocho, um típico instrumento mato-grossense, e o ganzá, uma espécie de reco reco feito de taboca, taquara ou bambu jardim, onde cantam fazendo citações sacras de vida de santo e das Sagradas Escrituras. (PAGIOLLI, 2014, p. 19)

A dança dos mascarados, conforme pudemos entender com a pesquisa de campo, é uma dança na qual só participam homens, e a justificativa para isso é que é uma dança muito demorada e exige muito esforço físico, o que seria muito difícil para uma mulher. “Com um detalhe: por baixo das máscaras e vestidos coloridos, não há mulheres. Na verdade são homens vestidos de damas. [...] O ritmo é frenético e cadenciado, formado pelo som dos metais.” (GUIMARÃES, 2011, p. 75). Nesta dança, os mascarados com fitas coloridas trançam uma baliza.

As apresentações da dança dos mascarados, não acontecem em um dia específico. Normalmente, quando há alguma festa ou solenidade, ou mesmo quando há turistas visitando a cidade, os mascarados são solicitados para realizarem a dança.

A religiosidade é marcante em Poconé, tanto pelas festas quanto pela característica do povo que mantêm em cada casa um altar com seu santo de devoção, sempre acompanhado de Nossa Senhora Aparecida e Jesus Cristo.

Relacionando-se paradoxalmente à religiosidade católica, os poconeanos ainda mantêm o costume de benzer-se, para casos de, como eles dizem “Arca caída”, “quebrante”, “mau olhar”, entre outros. Percebemos, com as observações, que as benzedoras têm papel importante para a fé do poconeano, e muitas vezes, como foi observada na pesquisa de campo, a religiosidade católica se mistura com a Umbanda, herança trazida pelos africanos que ali viveram como escravos¹⁰.

Essa mistura cultural que percebemos durante a pesquisa de campo é devido ao que Rondon (1978, p. 68) chama de “mestiçamento”.

Em verdade somos todos mestiços, consequência das misturas acontecidas no decorrer do tempo, dos índios Beripoconés e Guatós, produtos da Terra, com aqueles que para aqui vieram, alguns arriscadores, uns em caça ao índio e outros procurando o ouro, depois aqueles gananciosos após terem conhecimento da descoberta das primeiras lavras de cata fácil, paulistas, portugueses, senhores com seus escravos de origem africana e índios escravizados, e posteriormente alguns estrangeiros e brasileiros de diversas regiões. (RONDON 1978, p. 68)

Poconé estava distante de tudo, as viagens eram medidas por meses, e essa distância dos grandes centros fez com que os migrantes se entrosassem com os índios, aprendendo com eles a utilizar os recursos naturais e também adotando um sistema colaborativo para casos de doença. (RONDON, 1978).

Dada à conveniência, os migrantes foram se modelando aos costumes dos nativos, fato que Rondon (1978, p. 69) narra da seguinte maneira:

As dependências, as conveniências, os interesses comerciais concorreram para o bom entrosamento, formação de amizades, participação aos atos religiosos e folguedos, nas uniões, casamentos e batizados, surgindo as vinculações, o entrelaçar das famílias, a mistura dos costumes; lentamente a mestiçagem veio acontecendo, a cultura se formando, e como estas o tipo de sociedade tradicional, a participação de cada um em benefício do todo; na ausência do pai, do esposo, do patrão, o amigo resolvia os problemas.

¹⁰ Precisar a chegada de africanos em Mato Grosso é de difícil demarcação, entretanto sabemos que, no início da mineração, ainda quando ela se restringia às minas de Cuiabá, o número de escravos já era significativo. (SIQUEIRA, 2002, p. 120)

Não apenas o contato com índio que favoreceu essa mestiçagem cultural, mas também devido ao contato com africanos, dos quais uns exerciam trabalho agrícola e mineração e eram chamados de “escravos de eito”¹¹, enquanto outros, chamados “escravos domésticos” se dedicavam às tarefas das casas dos senhores. (SIQUEIRA, 2002).

Desta forma, foi se construindo a formação social e cultural de Poconé que, como qualquer outra manifestação sociocultural do mundo, com o passar do tempo foi mudando, elaborando, misturando ainda mais, até se tornar o que é hoje.

Após entendermos um pouco sobre a constituição histórica e cultural de Poconé, passamos a relatar, no próximo segmento, como se deu a entrada na comunidade para realização da pesquisa.

2.2 A ENTRADA NA COMUNIDADE

Neste tópico será descrito, o porquê da escolha de Poconé para realização da pesquisa e como aconteceu a entrada na comunidade para coleta dos dados.

Primeiramente, a escolha de Poconé para realização da pesquisa se deu como um caso de muito interesse. Após assistir a um vídeo na internet, intitulado “o falar poconeano”, de autoria e interpretação da poetisa de Poconé, Ângela Beatriz Moura Silva Campos, no qual a poetisa evidenciava o falar poconeano, houve então a motivação para pesquisar e conhecer um pouco mais sobre aquele falar tão particular.

Ainda, posteriormente, pensamos na escolha desse objeto, a fala poconeana, por entender como primordial estudar o falar Mato Grossense que é tão pouco pesquisado em nossa região e, sobretudo para auxiliar os futuros estudos e pesquisas referentes à descrição da língua portuguesa.

¹¹ “[...] escravos que eram utilizados para o trabalho nas grandes monoculturas e recolhidos em uma habitação coletiva conhecida como senzala.” (Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravos.htm>).

Após realização de pesquisas bibliográficas encaminhamos o projeto de pesquisa ao CEP - Comitê de Ética em Pesquisa¹² e obtivemos aprovação para realização da pesquisa, assim passou-se para pesquisa de campo.

O deslocamento para o município se fez, uma parte, por meio de ônibus, saindo de Cáceres até Várzea Grande, e de lá, com destino à Poconé, pegamos um táxi, que é comumente chamado de lotação. A lotação era uma camionete F1000, ano 82, cabine estendida. Os motoristas esperam a lotação completar 4 passageiros e, então, vão para Poconé. Esse tipo de lotação é normal para esse percurso de Várzea Grande à Poconé. De modo que, na rodoviária de Várzea Grande havia vários carros fazendo esse trabalho de lotação até Poconé. Desde Cáceres até Poconé, a viagem durou em torno de três horas e meia.

A entrada na comunidade se deu pelo apoio e colaboração da Prof.^a Suzana Arruda, da Escola Estadual General Caetano de Albuquerque, a primeira escola de Poconé com 104 anos de fundação. Pois, como aconselha Tarallo (1985, p. 27) para adentrar na comunidade: “Procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade.”

A comunidade de Poconé é formada por grandes famílias e, como constatamos na observação, normalmente todos se conhecem. Com isso, com a ajuda da Prof.^a Suzana o contato com os informantes para as entrevistas foi facilitado.

Antecipadamente foi feito contato com a Prof.^a Suzana por telefone e marcamos uma data para a realização da pesquisa. Ao chegar a Poconé, realizamos um trabalho de observação da cidade, sobre o qual Tarallo (1985, p. 20) relata que “o pesquisador sociolinguístico precisa utilizar o método de observação ao adentrar na comunidade, sendo esta observação um fato necessário e imposto pela Sociolinguística”.

Neste primeiro contato observamos, brevemente, os aspectos arquitetônicos da cidade, como por exemplo, o formato das edificações comerciais, residenciais e religiosas. São esses antigos casarões que contam como ocorreu a formação e a constituição de seu povo e da própria cidade.

¹² Projeto de Pesquisa aprovado pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa sob o número de parecer: 1.457.805.

Observou-se ainda que a cidade preserva, em algumas ruas, o calçamento de paralelepípedo ou de pedra lavada, mais nos bairros, pois no centro a pavimentação é asfáltica. Esse tipo de calçamento de paralelepípedos é encontrado em diversas cidades do Mato Grosso, exclusivamente as mais antigas, como Cuiabá, Cáceres, Santo Antônio de Leverger, Nossa Senhora do Livramento, e outras.

Percebemos também que, devido ao pantanal, Poconé conta com várias pousadas que recebem turistas o ano inteiro que procuram a cidade para conhecer a fauna e a flora pantaneira.

Após esse primeiro dia de observação passamos para a pesquisa de campo; a realização das entrevistas¹³ com informantes nativos da comunidade de Poconé.

Saímos a pé pela cidade, o que ocasionou a oportunidade de conhecer ainda mais sobre Poconé, pois como Profa. Suzana nasceu em Poconé e tem pais poconeanos, ela tinha muita história para contar.

Ao conversar com a Profa. Suzana foi possível perceber que o povo poconeano é muito receptível e, por isso, intuímos antecipadamente que as dificuldades para realizar as entrevistas seriam poucas. E na realidade foi exatamente o que aconteceu, pois fomos recebidas muito bem, sempre com um café, e todos os entrevistados sempre bem dispostos em responder às perguntas.

As entrevistas foram feitas na área urbana de Poconé. Seguindo às orientações de Suzana, fomos de casa em casa, das pessoas¹⁴ que ela conhecia em Poconé, então ela me apresentava à pessoa, apresentávamos a pesquisa, de modo a deixar claro nosso interesse pela cultura poconeana e pelos demais atrativos da comunidade, sem tocar em termos de língua ou fala, por exemplo, para não deixar o informante retraído e, desta forma, prejudicar a “naturalidade” da pesquisa. Seguindo, assim, o proposto por Tarallo (1985, p. 27):

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença

¹³ Para elaboração da ficha social e do questionário do roteiro de entrevistas, nos embasamos nos autores: Macedo-Karim (2004; 2012); (Souza, 2015); Fraga (2008).

¹⁴ De acordo com os critérios de seleção dos informantes descritos no item 2.3.

– se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada.

Após esta apresentação da pesquisa, solicitávamos a autorização para realizar as perguntas do questionário, sendo que nenhum entrevistado pediu que voltássemos outra hora, ao contrário responderam às perguntas no momento em que nos apresentamos.

As casas nas quais fomos entrevistar, na maioria casas simples, sempre encontramos altares dedicados aos Santos de devoção da família. Este local do altar, geralmente na sala ou em algum lugar visível para quem chegasse, estava sempre bem enfeitado, com flores, tecidos e pinturas sacras.

Os entrevistados procuravam sempre nos agradar, oferecendo um café, uma canjica, que é bem tradicional em Poconé, e até mesmo oferecendo os licores que são produzidos artesanalmente e que em quase toda família tem alguém que os fabrique.

Ao finalizar as entrevistas, fomos convidadas por um grupo tradicional de cururueiros, do qual faz parte o pai da Profa. Suzana, a participar de uma festa de Santo, a festa de Jesus Maria José. A festa foi realizada no sábado à noite numa comunidade rural.

O ritual da festa de Santo foi demorado e envolveu alguns acontecimentos tradicionais. Primeiro houve um momento em que os cururueiros se apresentaram saudando o altar da festa dentro de uma capela, entoando versos, dançando uma espécie de sapateado e tocando a viola de cocho¹⁵ e o ganzá¹⁶. Após o esse ritual fomos levados para fora da capela para a erguida do mastro, o qual também envolveu todo um ritual de reza e cânticos realizados pelos cururueiros.

¹⁵ De acordo com o Dossiê do IPHAN 8 – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Viola-de-cocho é um instrumento musical de forma e sonoridade sui generis produzido na região da bacia do Rio Paraguai – baixada cuiabana e adjacências – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Destaca-se como um instrumento fundamental nos gêneros musicais cururu e siriri, cultivados, sobretudo, em manifestações culturais ligadas à religiosidade e à brincadeira. É produzida de modo artesanal e, tradicionalmente, com matérias-primas extraídas da natureza – da fauna e da flora do pantanal e do cerrado. (2005, p. 13).

¹⁶ De acordo com o Dossiê do IPHAN 8 – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: O ganzá é um instrumento de percussão, uma espécie de reco-reco, sendo, em alguns lugares, também conhecido como cracachá ou caracachá. Com aproximadamente 50 cm de comprimento, é feito de taquara e possui diversos cortes transversais a seu comprimento (um corte a cada meio centímetro). (2005, p. 26)

Antes de erguerem o mastro, os fiéis saúdam e beijam a bandeira do santo da festa e fazem pedidos de prosperidade, saúde e demais bênçãos. Após todos saudarem a bandeira, o mastro foi erguido.

Em seguida houve o jantar, oferecido a todas as pessoas presentes gratuitamente. Havia em média umas 500 pessoas. Após o jantar todos se reuniram para rezar o terço. Quem puxou a oração do terço foi uma rezadeira, a qual fica responsável por entoar as rezas em forma de cântico.

Posteriormente à reza do terço, aconteceu um baile com rasqueado e lambadão, que são músicas típicas de Poconé e da baixada Cuiabana em geral.

Enfim, de modo geral, a entrada na comunidade foi tranquila e não houve resistência alguma para que realizássemos a aplicação do questionário. Pelo contrário, fomos sempre muito bem recebidas, por pessoas com muita vontade em ajudar e felizes por estarmos desenvolvendo um trabalho que trata da cidade que amam Poconé.

2.3 OS INFORMANTES: CRITÉRIOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Os informantes selecionados para realização da pesquisa são da área urbana de Poconé.

Uma parte das entrevistas foi realizada na primeira escola de Poconé, a Escola Estadual General Caetano de Albuquerque, pois como é o local de trabalho da Profa. Suzana facilitou o processo de escolha dos informantes. A outra parte foi realizada na casa dos conhecidos, familiares da Profa. Suzana.

Foram entrevistados doze informantes, o que contabilizou um total de aproximadamente seis horas de entrevistas, formando um material possível de analisar os aspectos relativos às crenças e atitudes linguísticas dos informantes, bem como os usos linguísticos mais recorrentes no falar poconeano.

Sobre o tamanho da amostra, Tarallo (1985, p. 28) explica que:

O tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. Uma variável fonológica, por exemplo, é bastante recorrente na fala; já uma variável sintática ocorre com menos

frequência, exigindo, portanto, uma amostragem maior, bem como estratégias especiais para fazê-la ocorrer.

Levando em consideração que “nos estudos de comunidade é necessário estabelecer parâmetros rígidos para a seleção dos informante” (Tarallo, 1985, p. 27), a seleção dos informantes entrevistados seguiu alguns critérios, que foram:

- a) ter mais de 18 anos;
- b) ter nascido em Poconé;
- c) ter pais nascidos em Poconé;
- d) não ter morado fora de Poconé por 5 anos ou mais;
- e) não ter ficado fora de Poconé, por 6 meses ou mais, nos últimos 5 anos.

Esses critérios de seleção do informantes são importantes, pois evitamos, de acordo com Tarallo (1985, p. 28), “que a escolaridade do informante em outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado”.

Desta forma, levando em consideração os critérios de seleção, os informantes foram estratificados de acordo com sexo (feminino e masculino), e de acordo com a faixa etária, dividindo-se em três faixas etárias, as quais compreendem: a primeira faixa etária de 18 a 27 anos, a segunda faixa etária vai de 34 a 45 anos e a terceira faixa etária a partir 50 de anos.

Para identificar os informantes, no decorrer do trabalho, serão utilizados códigos, os quais seguirão os seguintes parâmetros: 1, 2 e 3 para identificar o grupo de faixa etária, M e F, para identificar se masculino ou feminino e seguido da idade, desta forma temos os seguintes informantes:

Tabela 1: Relação dos informantes

1ª faixa etária (18 a 27 anos):	2ª faixa etária (34 a 45 anos):	3ª faixa etária (a partir de 50 anos)
1M18	2M39	3M74
1M25	2M34	3M67
1F27	2F44	3F50
1F18	2F37	3F54

Fonte: Elaborada pela autora.

A idade foi um fator extralinguístico escolhido para que pudéssemos analisar se há diferenças no falar Poconeano conforme a geração do informante, ou seja, queremos saber se os informantes mais jovens estão mantendo ou não os aspectos do falar poconeano utilizados pelos mais velhos.

Já a escolha da estratificação por sexo, masculino e feminino, para analisarmos se, conforme os apontamentos de Paiva (2004) e Fraga (2008), mulheres e homens falam diferentes de acordo com seu papel na sociedade e/ou em sua comunidade mais especificamente.

Para entendermos o quadro sociocultural dos informantes estabelecemos a tabela a seguir:

Tabela 2: Perfil sociocultural dos informantes

Identificação	Idade	Sexo	Profissão	Religião	Escolaridade
1M1	18	Masc.	Músico	Católica	Ensino Médio
1M2	25	Fem.	Professor	Católica	Ensino Superior
1F1	27	Fem.	Téc. Escolar	Católica	Ensino Superior
1F2	18	Fem.	Estudante	Católica	Ensino Médio
2M1	39	Masc.	Apoio Escolar	Católica	Ensino Médio
2M2	34	Fem.	Professor	Umbandista	Ensino Superior
2F1	44	Fem.	Doméstica	Evangélica	Ensino Médio
2F2	37	Fem.	Professora	Católica	Ensino Superior
3M1	74	Masc.	Aposentado	Católica	Ensino Médio
3M2	67	Masc.	Dom. de Cavalo	Católica	Sem Escolaridade
3F1	50	Fem.	Dona de Casa	Católica	Ens. Fundamental
3F2	54	Fem.	Professora	Católica	Ensino Superior

Fonte: Elaborada pela autora.

Na coleta de dados foi utilizada a observação e um questionário com 31 questões elaboradas com base nos questionários propostos por Macedo-Karim (2004; 2012); Souza (2015) e Fraga (2008), as quais abordaram temas relacionados à organização sociocultural e religiosa de Poconé, sobre a percepção do informante enquanto poconeano e ainda, questões ligadas às atitudes do informante frente ao seu modo de falar.

Inicialmente, no primeiro contato com o informante houve uma conversa informal, com a apresentação da pesquisadora, com uma linguagem bem informal para que fosse criado um ambiente favorável para o informante, seguindo conforme o sugerido por Tarallo (1985, p. 27): “procure acomodar seu comportamento social e linguístico ao do grupo ou da comunidade entrevistada, isto é, tente minimizar o efeito negativo de sua presença sobre o comportamento sociolinguístico natural da comunidade”.

Inicialmente era proposto qualquer assunto, aleatório, para deixar o informante cada vez mais confortável, ou seja, propomos situações naturais de comunicação linguística, no intuito de minimizar os efeitos da presença do próprio pesquisador como elemento estranho àquela comunidade (TARALLO, 1985).

De acordo com Labov (2008, p. 244-245):

Uma maneira de superar o paradoxo do observador —é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. (...) Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos.

Antes da aplicação do questionário, porém já com a autorização¹⁷ do informante para realização da entrevista, propriamente, preenchemos uma ficha de identificação do informante, na qual foram colocadas algumas informações pessoais dos entrevistados, como nome completo, idade, estado civil, naturalidade, e outros.

¹⁷ Todos os informantes assinaram, para realizar a entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual passou por análise e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O documento, TCLE, está disponível em anexo nesta dissertação.

Na sequência foram realizadas as perguntas do roteiro de entrevista, que foram gravadas em gravador digital da marca Sony IC Recorder ICD-P620 e depois transferidas via cabo USB para o Software Digital Voice Editor 3 Sony, para posteriormente serem transcritas.

No próximo tópico descrevemos sobre a transcrição dos dados, bem como o levantamento dos dados para análise.

2.4 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Para a transcrição dos dados nos baseamos nos pressupostos de Marcuschi (1998) e Cintra (1992).

Na transcrição grafemática dos áudios buscamos manter a fidelidade da produção linguística real do informante, de acordo realmente com sua fala, ou seja, transcrevemos a forma falada. “A transcrição da fala corrente é um elemento fundamental na análise da conversação, posto que é por meio dela que se podem apresentar como aditamento à análise os textos orais em que esta se baseia”. (CINTRA, 1992, p. 614).

Para realizar a transcrição seguimos ainda o proposto por Cintra (1992, p. 615) que observa: “O emprego da escrita corrente exclui não só a representação de pormenores fonéticos, em geral dispensáveis nesse tipo de análise, mas também distinções fonológicas e processos morfofonológicos”.

Desta forma, para os usos linguísticos encontrados, representamos da seguinte forma:

- A alternância das variantes [ãw] e [õ]: *minhocôm* – *minhocão/ mineração* – *mineração*.
- Ocorrências das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]: *tchegou* – *chegou/ djanta* – *janta*.
- Não ditongação do [i] antes de ‘s’ e ‘z’: *mas* – *mais/ faz* – *faiz*.
- Realização do [e] final como [e] e não como [i]: *ele* – *eli/ hoje* – *hoji*.
- Realização do [o] final como [o] e não como [u]: *antigo* – *antigu/ como* – *comu*.

- Alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal: *sánta* – *santa*/ *bánána* – *banana*.
- Rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal: *crima* – *clima*/ *quarquer* - *qualquer*.

Para a transcrição dos dados também foram adotadas algumas representações específicas:

- Parênteses para marcar um comentário do pesquisador;
 - Reticências para identificar as pausas, dentre elas a vírgula;
 - Pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção (eh, ah, oh, ih, ahã, mhm, etc).
- (MACEDO- KARIM, 2012).

2.4.1 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Com o auxílio de um fone de ouvido, os arquivos foram transcritos, digitados, em documento Word for Windows 2013. Posteriormente foi feita uma análise dos dados transcritos com a finalidade de observar quais os usos linguísticos estavam presentes no corpus. Desta forma, organizamos os dados que apareceram com maior frequência, para então escolher quais os dados seriam analisados.

Após esta escolha, partimos para elaboração dos gráficos de ocorrência e frequência dos usos linguísticos. Para construir os gráficos utilizamos o programa Excel for Windows 2013.

Em seguida, com os gráficos em mãos, começamos a realização das análises dos dados linguísticos, considerando os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística.

CAPÍTULO III

ANÁLISE SOBRE OS USOS LINGUÍSTICOS ENCONTRADOS EM POCONÉ - MT

Os estudos sociolinguísticos têm avançado consideravelmente em Mato Grosso, principalmente após a implantação da Universidade do Estado de Mato Grosso, que conta com pesquisadores nessa área. Porém, há alguns aspectos que são pouco estudados ou divulgados, como é o caso, por exemplo, dos dialetos em contato, das atitudes linguísticas, das variações entre falares, entre outros.

Levando em consideração que a língua é uma forma de interação, comunicação e expressão, este terceiro capítulo sob os aportes da Sociolinguística, que como propõe Mollica (2008, p. 9): “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”, apontará os usos linguísticos que mais ocorrem em Poconé, bem como as atitudes linguísticas do Poconeano frente ao seu falar.

3.1 AS VARIAÇÕES MAIS FREQUENTES NA COMUNIDADE POCONÉ-MT

Poconé, como algumas cidades da região do Alto Pantanal Mato Grossense, apresentou um falar bem característico entre os falantes. As características que mais apareceram e que aqui terão maior destaque foram: alternância do uso de [ãw] e [õ] e realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ] semelhantes às variedades encontradas por Macedo-Karim (2012); variação na concordância nominal de gênero; ocorrência de rotacismos; e alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal.

Primeiramente, ilustraremos a alternância do uso de [ãw] e [õ] na comunidade, entendendo a alternância como o fenômeno em que o falante escolhe, em determinado momento, a variante [ãw] e, em outro momento a variante [õ], entendendo que, como afirmou Labov (2008, p. 243): “não existe falante de estilo único. [...] todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social ...”

I. A alternância de [ãw] e [õ]:

Vejam os trechos das entrevistas com o registro dessas ocorrências selecionadas pelo fator extralinguístico¹⁸ idade/faixa etária:

a) Fator extralinguístico faixa etária: de 18 a 27 anos

(1) Olha... eu já vi falar daquele lá da **minhocõm...** que falam que a cabeça dela tá'qui na igreja na parte central. (1M25)¹⁹.

(2) Olha... por cima eu ouvi falar que foi os garimpeiros no tempo da **mineração**. (1M25).

(3) Pecuária e Agricultura **sõm** ponto forte né... por ser cidade do interior. (1F27).

(4) Na cidade... Porque tem mais acesso... acesso mais rápido a tudo né... saúde... **educação**. **Não** que as pessoas que moram no campo **não** tenha esse privilégio... porque agora com tudo **tõm** acessível né. (1F27).

b) Fator extralinguístico faixa etária: de 34 a 45 anos

(5) Aqui em Poconé tem que mudá é tudo né (risos)... aqui nenhum posto de saúde tem médico... **tõm** tudo esperándo sabe nem quândo vem... [...] uma médica daqui passou um remédio errado pra uma dona... a muié quase morreu... pra

¹⁸ Considerando o fator extralinguístico conceituado e proposto por Labov (1972); Tarallo (1985).

¹⁹ Os informantes foram codificados da seguinte forma, exemplificando: 1M25, no qual 1 representa o grupo de faixa etária do qual o informante participa, M (ou F) representa o sexo do informante e 25 é a idade do informante.

mim ela tchegô de passá mas só que **nõm** tomei... que eu faço tratamento co'a psiquiatra eu mostrei pra ela [e] ela falou "ah **nõm** cê **nõm** vai tomá esse remédio já faz muito tempo que djá saiu **não** uso mais"... por que se ocê tomá ele [é] igual uma tinta de casa tampa tudo chô, dento de chô **órgõm** chô corpo... e a sorte que eu num atchei lá no posto nem num comprei... **nõm** tinha dinheiro pra comprá né [...]. (2F44)

(6) Olha... falándo assim das tradições poconeanas que a minha família realiza é a festa de **Sõm** João e **Sõm** Gonçalo né... que são os sântos católicos né que a minha família já vem passando de **geraçõ**.... Eles cultuam essa festa tradicional... Geralmente é no mês de junho. (2M34)

c) Fator extralinguístico faixa etária: a partir de 50 anos

(7) Sim... de **Sõm** Binidito... que faz aí na praça... E espírito sânto... Mês de maio é Espirito Sânto e mês de junho é **Sõm** Binidito. (3F50)

(8) Sobre prefeitura assim ... A prefeita **não** ajuda... Porque tem muita coisa que tá precisándo mudar aqui em Poconé... Coisa de asfalto... das coisas...em meio de serviço... Ela **não** dá de si... (3F50)

(9) Aqui é a pecuária né... Hoje **nõm**... mas por muito tempo foi o primeiro município de pecuária né... [...] hoje já **nõm** tá mai em primero lugá por casa dessas fazenda gránde... [...] pecuária e a **mineraçõ**. (3M53)

Essa variedade não é uma particularidade apenas de Poconé, pois nos estudos de Macedo-Karim (2012) a pesquisadora encontrou a alternância no uso dessa variação na Comunidade São Lourenço na cidade de Cáceres em Mato Grosso. Ainda, essa alternância na variação foi encontrada por Silva (2000) em seus estudos também na

cidade de Cáceres. Ambas as pesquisadoras justificaram essa alternância devido aos fatores sociais.

Aqui acrescentamos como possível justificativa para esse uso, as atitudes dos falantes frente à sua língua. Concordando, desta forma, com o que afirma Lambert (1960) que os correspondentes subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento. “A mudança linguística leva, pois, em conta o prestígio das formas alternantes (variantes) em diferentes estágios de propagação da mudança linguística.” (RONCARATTI, 2008, p. 50).

E, ainda, uma vez que a própria evolução humana faz com que a língua mude, consideramos as mudanças como um processo contínuo da língua e que a menor frequência na utilização da variante de menor prestígio²⁰ [õ] pelos mais jovens é a afirmação dessa mudança em curso, ou seja, se eles optam pela variante padrão ao invés da variante regional entendemos que a mudança no uso da língua está ocorrendo. De modo que a língua não é um sistema por si só, ela depende do homem, e este mudando, muda também a língua.

Essa reflexão nos leva a pensar na mudança linguística como um processo natural humano e sobretudo contínuo. A adaptação do homem nos diversos meios exige mudanças, os diversos tipos comunicação evoluem e a língua acompanha essa evolução, essas mudanças.

No processo de mudança linguística, diversos fenômenos ocorrem na língua, como é o caso das variantes linguísticas, por exemplo. De acordo com Tarallo (1985, p. 08): "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*".

Para a Sociolinguística, com frequência haverá formas em variação ocorrendo ao mesmo tempo, nos casos de alternância, ou em concorrência, na qual duas formas linguísticas concorrem, a variante de maior prestígio querendo tomar o lugar da variante de menor prestígio, por exemplo. (Labov 2008). Como é o caso das variações que

²⁰ De acordo com Tarallo (1985, p. 11): “As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadora vs. inovadora; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio linguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pela comunidade”.

ocorrem em Poconé, destacamos que as variações não ocorrem sozinhas, mas concomitantemente em concorrência com outras variações do mesmo segmento.

Em Poconé há o uso, por exemplo, da variante regional [õ] (coração – coraçõm), porém não é uma variação com uso absoluto de [õ], pois há também o uso de [ãõ]. Esse fato ocorre com todos os outros fenômenos observados na comunidade. Desta forma percebemos a existência de alternância e concorrência como propõe a teoria.

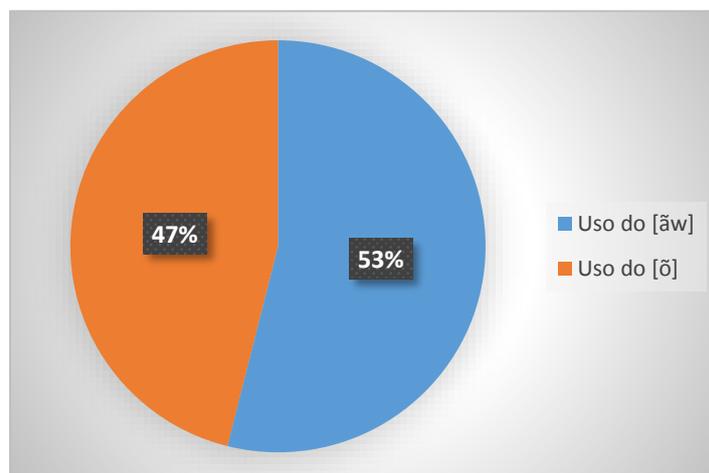
Pensando nos valores sociais atribuídos às formas linguísticas conservadoras e inovadoras, Labov (2008) considera que, com frequência, essas duas formas linguísticas demonstram contraposição entre valores sociais. De modo que esses valores sociais tornem-se estereótipos ou que permaneçam no nível do inconsciente. Sendo assim, uma das formas vai se destacar, podendo ser a inovadora ou não, causando o fenômeno que Labov (2008) chamou de mudança regressiva quando for à forma linguística conservadora que se destacar, e mudança progressiva no caso da forma inovadora ser a de destaque.

Dada essas informações, notamos que em Poconé, de modo geral, há uma mudança regressiva tratando-se dos usos linguísticos, fato este que será melhor observado nos gráficos a diante.

Acontece uma difusão por meio do sistema linguístico, no plano estrutural, no qual o uso da forma conservadora ou inovadora parte de contextos mais limitados e atinge contextos mais amplos com o passar do tempo. “Ocorre uma luta evolutiva entre as formas novas e as antigas, com as novas se espalhando tanto de um falante para outro como de um contexto linguístico para outro” (RONCARATI, 2008, p. 49).

Neste caso, a variante [õ] (*mineraçõm/ sõm/ nõm/ órgõm*) é considerada a forma linguística inovadora, enquanto que a variante [ãw] (*mineração/ são/ não/ órgãõ*), por ser a forma padrão da língua, é considerada a forma linguística conservadora. Vejamos a seguir, primeiramente numa visão geral dos dados, a quantidade de alternâncias entre a variante [ãw] e [õ] na fala dos informantes.

Gráfico 1: Ocorrências de [ãw] e [õ]



Fonte: Elaborado pela autora

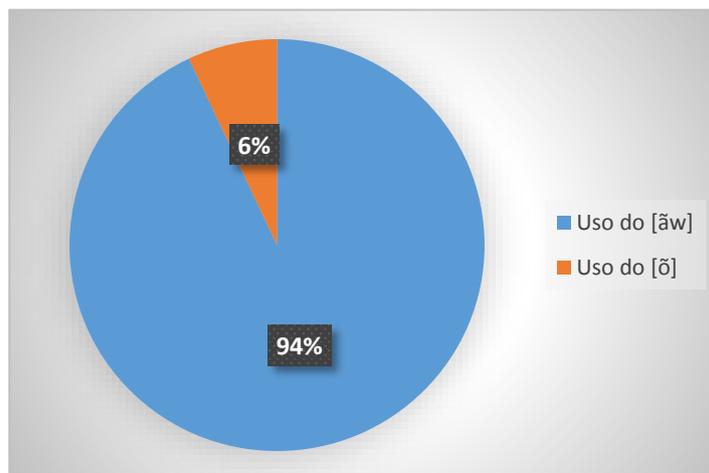
No Gráfico 1 podemos observar que a porcentagem está equilibrada para a ocorrência de ambas as variantes. Do total de 418 usos da variação, 47% foram ocorrências do uso da variante inovadora [õ], ou seja 195 ocorrências, enquanto que a variante conservadora [ãw] ocorreu numa porcentagem de 53%, ou seja 223 ocorrências.

As variações linguísticas são as possibilidades e incertezas da linguagem. Um povo que fala a mesma língua, não terá uma linguagem efetivamente homogênea. Esse fenômeno se dá por diversos fatores, inclusive pela linguagem ser característica de seres vivos, como propõe Bagno (2002), pois a língua não é morta, pelo contrário, está em constante mutação.

A distribuição por faixa etária, de acordo com Labov, não representa apenas mudanças na comunidade, mas também um padrão de gradação etária, que se repete com o passar das gerações. Ou seja, se pensarmos que na segunda e terceira faixas etárias há informantes que possuem ensino superior, por exemplo, podemos supor que nada impede que os informantes da primeira faixa etária, ao atingirem as próximas faixas etárias, utilizem a forma linguística inovadora. Essa escolha vai envolver inúmeros outros fatores extralinguísticos, como a própria atitude linguística do informante frente à sua língua.

Para uma observação mais específica, vejamos o gráfico 2 sobre a alternância entre [ãw] e [õ] na primeira faixa etária:

Gráfico 2: Ocorrências [ãw] e [õ] na 1ª faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico 2 observamos que na primeira faixa etária, que vai dos 18 aos 27 anos, há pouca alternância da variação, de modo que a variante escolhida pela maioria dos informantes foi a variante conservadora [ãw] considerada de prestígio por ser a variedade padrão. Ou seja, houve 94% de ocorrências da variante conservadora [ãw], 93 ocorrências, contra 6% de ocorrências de variante inovadora [õ], o que contabiliza 6 ocorrências.

Dentro das 6 ocorrências da variante [õ], mais da metade, 83,3%, que correspondem a 5 ocorrências, se realizaram na fala das mulheres, ao passo que 16,7%, que correspondem a apenas 1 ocorrência, se realizou na fala de um informante homem.

Já para as ocorrências da variante [ãw], das 93 ocorrências, 39,8%, que correspondem a 37 usos, ocorreram na fala das mulheres, enquanto que 60,2%, o que significa 56 usos, ocorreram na fala dos homens.

Sabemos que “na Sociolinguística a diferença entre falas de homens e mulheres é objeto de permanente discussão” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 36). Desta forma, concordamos com a afirmação das autoras de que as identidades masculinas e femininas interagem com outras identidades, fato que leva a não vermos a linguagem do homem ou da mulher de forma isolada, mas “sim em conjunto com outros fatores”. (CALLOU; LEITE, 2002).

Por isso, consideramos que a escolha do falante pela variante padrão pode estar vinculada para além do mecanismo social que é a idade ou o sexo, mas relacionada intrinsecamente ao condicionamento cultural a que se submeteram esses falantes em

suas vidas. Elencamos, como uma possível justificativa, para a ocorrência desse fenômeno, um fator cognitivo que condiciona o informante à escolha da variante dado às suas experiências frente à língua e seus usos, primordialmente. Esse fato é descrito por Martelotta (2011, p. 56):

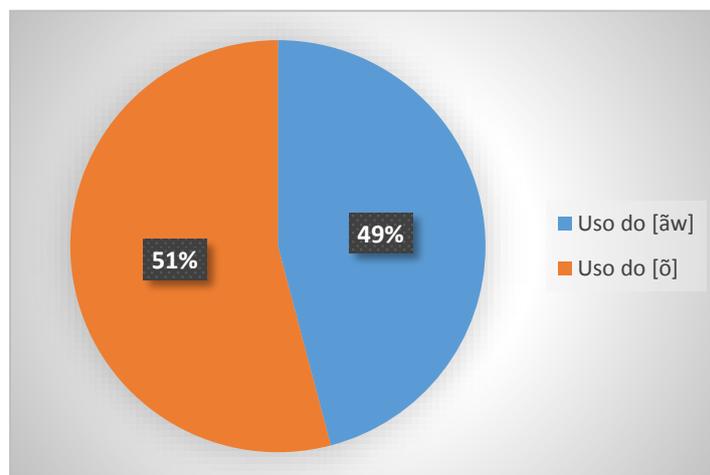
Nessa perspectiva, são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. Mas é importante entendermos que esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural.

Ou seja, nesta linha de pensamento, podemos sugerir que “esses aspectos de ordem cognitiva”, estão presentes, ainda que inconscientemente por parte do falante, na língua em uso e são esses aspectos que acabam motivando a escolha de determinada variante. Esse fato é também apresentado por Labov (2008, p. 19):

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

Vejamos os próximos resultados para uma melhor observação.

Gráfico 3: Ocorrências de [ãw] e [õ] na 2ª faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico 3, correspondente à segunda faixa etária que vai de 34 a 45 anos, já é possível observar a diferença com relação à primeira faixa etária. Vemos que a ocorrência da variante [õ] está bem equilibrada com a ocorrência da variante [ãw] que contabilizou 49%, o que representa 66 usos, de modo que a primeira, a variante [õ], somou um uso de 51%, ou seja 69 ocorrências.

Deste percentual de 69 ocorrências para a variante inovadora [õ], 53,6%, o que significa 37 usos, ocorreram na fala das mulheres, enquanto que 46,4%, correspondente a 32 usos, ocorreram na fala dos homens. Já nas 66 ocorrências da variedade considerada de prestígio [ãw] houve ocorrência de 34,8%, correspondente a 23 usos, na fala das mulheres contra 65,2%, o que corresponde a 43 usos na fala dos homens.

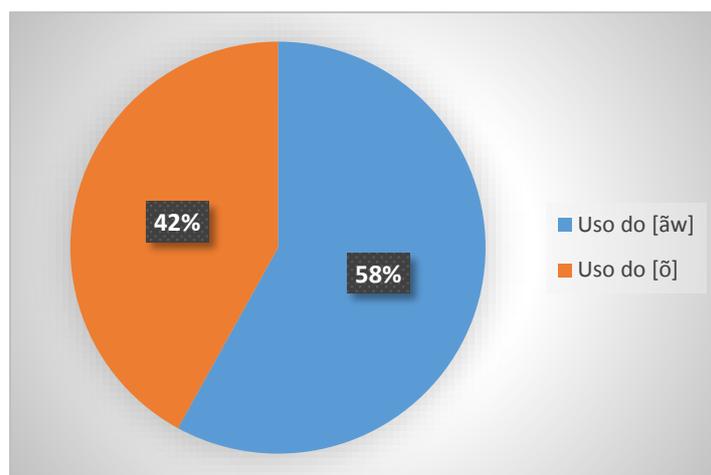
Neste caso, também o fator extralinguístico idade é um aspecto que pode justificar o uso mais frequente da variante estigmatizada [õ], entretanto como dito anteriormente, não é apenas o fator extralinguístico idade que explica esse uso, mas sim a idade combinada com os processos nos quais o sistema linguístico interaja, concordando com Labov (2008).

Para Chambers e Trudgill (1980), no que diz respeito à faixa etária, a caracterização da variação estável se dá por um padrão curvilíneo, de modo que as faixas etárias intermediárias, ou segunda faixa etária, apresentariam maior frequência de uso das formas linguísticas conservadoras e os mais jovens apresentariam maior frequência no uso das formas inovadoras.

Porém, o que acontece em Poconé, de acordo com os dados, é que os mais jovens estão usando com maior frequência a forma conservadora, enquanto os mais velhos, das segunda e terceira faixas etárias optam pela forma inovadora com maior frequência.

Na 3ª faixa etária, a partir dos 50 anos, a ocorrência da alternância entre as variantes [ãw] e [õ] é semelhante à 2ª faixa etária, o que podemos conferir no gráfico 4:

Gráfico 4: Ocorrências de [ãw] e [õ] na 3ª faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados do gráfico 4, da 3ª faixa etária, dos 200 usos, é possível perceber que o uso da variante de menor prestígio [õ] é predominante com uma ocorrência de 58%, o que corresponde a 116 usos, em relação ao uso do [ãw] que pontuou 42% de ocorrências, que significa 84 usos.

Desses números, das 116 de ocorrências da variante [õ], 44,8%, o equivalente a 52 usos, ocorreram na fala das mulheres, enquanto que 55,2%, correspondentes a 64 usos, deu-se na fala dos homens.

Já para as 84 ocorrências da variedade conservadora [ãw], 40,4% equivalem a 34 usos que ocorreram na fala das mulheres e 59,6%, o correspondente a 50 usos, que ocorreram na fala dos homens. Diante desses dados entende-se que os homens da terceira faixa etária, apesar de também usarem a variante [ãw], são os que mais utilizam a variante estigmatizada [õ], enquanto que as mulheres estão optando pelo uso da variedade padrão e/ou de maior prestígio [ãw].

Podemos concluir que os mais velhos, da segunda e terceira faixas etárias, utilizaram com maior frequência a variante de menor prestígio [õ], com um total de 182 realizações contra apenas 6 realizações da variante na primeira faixa etária. Nesse caso, a estratificação social, o reconhecimento social, as instituições normativas e a tendência à correção são fatores extralinguísticos que podem fazer com que os falantes mais jovens sigam em direção à variante conservadora [ãw].

II. Realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]

Essas realizações africadas são fenômenos marcantes no falar do Alto Pantanal Mato Grossense²¹ e já foram registradas por outros estudiosos que veremos adiante.

Vejam os trechos das entrevistas com o registro dessas realizações selecionadas pelo fator extralinguístico idade:

a) Fator extralinguístico faixa etária: de 18 a 27 anos

(10) Ave Maria... tem demais... Tem festa de São Binidito... Santo Antonio... tudo santo que ocê imaginar. Eles fazem um ritual da missa... da novena... e tem a **djanta** entendeu. (1M18)

b) Fator extralinguístico faixa etária: 34 a 45 anos

(11) Ah é bastánte **djente** assim... mais jove né que dança nesses mascarado, esses pessoas de idade já não né... tem algum **djá** saiu **djá** nôm dança mas. (2F44)

(12) Eu faço unha... manicure... **metcho** com venda de pruduto... Tem dia que no final de semana nem me **atcha** em casa. (2F44)

c) Fator extralinguístico faixa etária: a partir de 50 anos

²¹ Nesta dissertação trataremos de Alto Pantanal Mato-Grossense a região da qual fazem parte os municípios de Barão de Melgaço, Cáceres, Itiquira, Lambari D'Oeste, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Santo Antônio de Leverger. Entendendo que esses municípios são os que contêm a parte alta - referindo-se a localização geográfica - do pantanal em sua composição no que diz respeito ao MT.

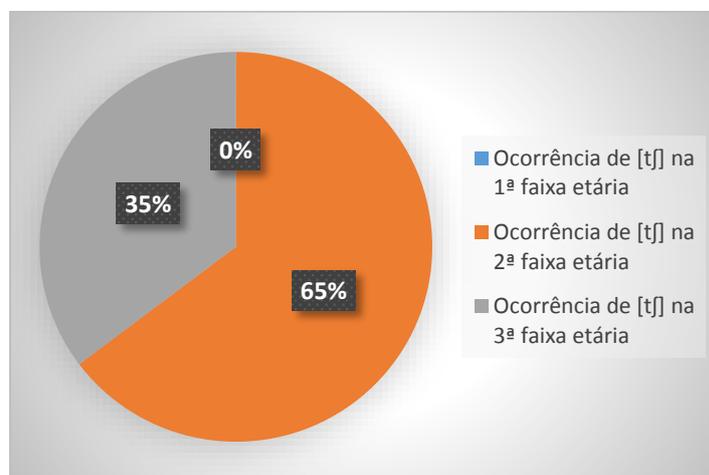
(13) Aqui é também pau rodado... Falam “**tchegou** os pau rodado de **londje**” (3F50)

(14) Tinha bastante (ouro)... ainda tem **hodje**... tanto que **djá** cresceu... que colheu... que foi embora... que tá vindo. (3F79)

(15) então hoje eu me afastei (da cavalhada) porque eu **djá atchei** que meu neto **djá** deve (participar)... [...] a sua parte você já fez... você **djá** ganha... então eu tenho essa (opinião). (3M67)

Com relação à realização africada “tch” [tʃ] em vez da fricativa “ch” [ʃ], as maiores ocorrências foram na 2ª faixa etária e, majoritariamente, ocorreram com maior frequência na fala das mulheres. Vejamos no gráfico abaixo, em números, uma visão geral das ocorrências da variante [tʃ]²²:

Gráfico 5: Visão geral: ocorrência da africada [tʃ]



Fonte: Elaborado pela autora

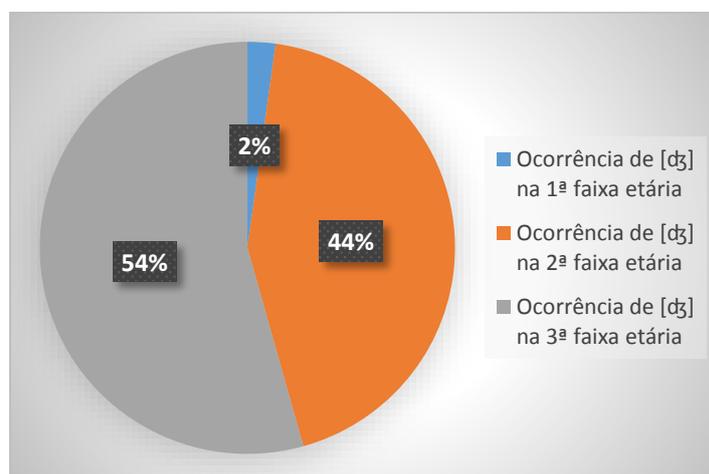
²² Embora os gráficos a seguir destaquem apenas a ocorrência da variante regional, destacamos que a variação padrão, dita conservadora, ocorre na comunidade na proporção em que se referem os gráficos, ou seja, quanto menor o uso da variante regional, supõe-se que maior é o uso da variante padrão e vice-versa. Ambas ocorrem alternando-se, valendo esta observação para todos os gráficos da variações seguintes.

De acordo com o gráfico 5, das 17 ocorrências da africada [tʃ] encontradas nos dados, a maioria, 65%, que corresponde a 11 usos, ocorreram na segunda faixa etária, enquanto que 35%, equivalente a 6 usos, ocorreram na terceira faixa etária, de modo que não foi encontrado nenhum uso da africada [tʃ] na primeira faixa etária.

Dessas 17 ocorrências, 76,4%, o equivalente a 13 usos, ocorreram na fala das mulheres. Enquanto que 23,6%, correspondente a 4 usos, foram encontrados na fala dos homens.

Para observarmos às realizações da africada [dʒ] ao invés de [ʒ] na fala dos informantes de Poconé, vejamos o próximo gráfico da visão geral de ocorrências.

Gráfico 6: Visão geral: ocorrência da africada [dʒ]



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que, de acordo com o gráfico 6, das 46 ocorrências da africada [dʒ], na 1ª faixa etária houve apenas 2% de ocorrência, o equivalente a 1 uso, por um homem. Esse fato, de poucas ocorrências africadas, pode ser justificado pela idade e pelas situações das quais os mais jovens estão passando. Ou seja, na primeira faixa etária, os jovens já saíram de Poconé para estudar²³ e por isso, entrou em contato com outras variedades da língua, o que pode ter interferido em sua fala. Há também a hipótese de que os meios de comunicação, como a internet, a televisão, aos quais os jovens possuem

²³ Como em Poconé não há Universidade, os jovens saem para estudar, porém eles não vão morar fora, eles vão para Cuiabá e voltam para Poconé, todas as noites, de ônibus, para frequentarem as aulas.

mais acesso que os mais velhos, pode também ter interferido na forma como os mais novos se posicionam, ainda que inconscientemente, sobre sua língua.

Na 2ª faixa etária, que vai dos 34 aos 45 anos, houve uma porcentagem de 44% de ocorrências da africada [dʒ], o equivalente a 20 usos, dos quais, 100% ocorreu na fala de uma única mulher do grupo. Uma possível justificativa para tantos usos da africada [dʒ] na fala dessa informante é pelo motivo de ela ter morado na zona rural até depois da adolescência e só foi para a área urbana de Poconé na juventude para cursar o ensino médio e trabalhar, com isso, por esse motivo que a diferencia dos outros informantes, supomos que ela opte pela variante inovadora com maior frequência, pelo contato com a área rural.

Já na 3ª faixa etária houve uma ocorrência de 54% da africada [dʒ], o equivalente a 25 usos. Dessa porcentagem, 36%, equivalente a 9 usos, ocorreram na fala das mulheres. Enquanto que 64%, correspondente a 16 usos, ocorreram na fala dos homens.

Para Labov (2008 p. 21):

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como um excelente tema para esta investigação.

Para entendermos o funcionamento deste fenômeno recorrente nos municípios do Alto Pantanal Mato Grossense, faremos, a seguir, uma observação da realização fonética das africadas nesse contexto.

O caso da realização deste fonema Tch²⁴ /tʃ/ mostra-se bastante complexo. Para entender, observemos a tabela a seguir:

²⁴ Utilizaremos a designação TCH para o fonema /tʃ/ e DJ para /dʒ/ com o objetivo de facilitar o entendimento dos leitores com pouca familiaridade em fonética.

Tabela 3: realização africada [tʃ] na fala dos informantes

Forma gráfica padrão	Transcrição fonética	Forma gráfica variante²⁵	Transcrição fonética da variante
Chega	[ˈʃe.ga]	Tchega	[ˈtʃe.ga]
Achei	[a.ˈʃej]	Atchei	[a.ˈtʃej]
Chegou	[ʃe.ˈgow]	Tchegô	[tʃe.ˈgo]
Acha	[ˈa.ʃɐ]	Atcha	[a.ˈtʃa]
Cheio	[ˈʃejw]	Tcheiu	[ˈtʃejw]
Rachado	[xɐ.ˈʃa.dʊ]	Ratchadu	[xa.ˈtʃa.dʊ]

Fonte: Elaborada pela autora.

Notemos que, neste caso, a variação Tch /tʃ/ não é alofone da oclusiva dental /t/ como esperado, mas sim da fricativa pós alveolar /ʃ/. Desta forma, como não houve pares mínimos e como os sons não se contrastaram em ambiente análogo, é presumível concluir que a fricativa pós alveolar surda /ʃ/ está funcionando, no falar poconeano e em parte do Alto Pantanal Mato Grossense, como fonema de dois alofones, o TCH /tʃ/ e CH/X /ʃ/, pois possuem sons foneticamente semelhantes e ponto de articulação muito próximos, enquanto Tch /tʃ/ possui articulação alveolar, Ch/X /ʃ/ possui articulação pós alveolar.

Sabemos que /tʃ/ só se realiza diante da vogal anterior alta /i/, entretanto a descoberta é que quando tch /tʃ/ estiver em posição de alofone de ch /ʃ/ a regra se modifica, e o fonema se realizará também nos demais ambientes. Tratam-se de alofones sem distribuição complementar.

Vejamos abaixo algumas considerações sobre o fonema Dj /dʒ/ e suas realizações:

²⁵ Todas as formas linguísticas foram retiradas dos dados das entrevistas.

Tabela 4: Realização africada [dʒ] na fala dos informantes (continua)

Forma gráfica	Transcrição fonética	Forma gráfica variante	Transcrição fonética
Já	['ʒa]	Djá	['dʒa]
Sujeira	[su.'ʒej.ra]	Sudjera	[su.'dʒe.ra]
Igreja	[i.'grɛ.ʒa]	Igredja	[i.'gre.dʒa]
Gente	[ʒɛ̃n.tʃi]	Djenti/ Djente	['dʒɛ̃n.tʃ]/ ['dʒɛ̃n.te]
Joga	['ʒo.ga]	Djoga	['dʒo.ga]
Juízo	[ʒu.'i.zo]	Djuízo	[dʒu.'i.zo]

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste caso DJ /dʒ/ não corresponde à oclusiva dental /d/, mas sim à fricativa pós alveolar sonora /ʒ/, mesmo caso da fricativa alveolar surda /tʃ/. Ou seja, DJ está funcionando como alofone da fricativa pós alveolar sonora /ʒ/.

Sabe-se que DJ /dʒ/ também só se realiza diante da vogal anterior alta /i/, enquanto /d/ se realiza nos demais ambientes. Porém, de acordo com os dados, quando DJ /dʒ/ for alofone de /ʒ/, ele passará a se realizar nos demais ambientes. Existem também, neste caso, alofones sem distribuição complementar.

Desta forma compreendemos que no falar do Alto Pantanal, as fricativas estão se realizando com um som a mais, além dos esperados.

Em contrapartida, a realização africada [tʃ] em vez da fricativa [ʃ] foi encontrada por Macias (2003, p. 26) em sua análise linguística sobre o dialeto rionorês em Portugal: “Outro traço geral deste dialecto é a utilização da africada [c]: *tchamar* (*chamar*); *escatchar* (*partir*); *matchada* (*machada*); *martchar-se* (*ir-se embora*)”.

Amaral (1920) ilustra o aparecimento das africadas no dialeto caipira relacionando esse uso por povos de algumas regiões de Portugal. Ribeiro(1881) observa a ocorrência das africadas na fala dos, ao que o autor denomina, “caipiras de São Paulo”, evidenciando as pronúncias de *djogo*, *djente*, semelhante ao que ocorria no Minho e em Trás-os-Montes em Portugal em que o autor observou a pronúncia de *tchapeo* e *tchave*.

Sobre essas realizações africadas de [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], Macedo-Karim (2012) em seus estudos, revelou que ocorrem também na comunidade São Lourenço em Cáceres-MT. Amaral (1920) identificou essas mesmas ocorrências no dialeto caipira em São Paulo, bem como os estudiosos Pereira (1919), Ribeiro (1881).

As justificativas que os autores dão para a ocorrência dessa variante em algumas partes do Brasil são formadas pelo contato com o português Europeu em épocas de colonização. De acordo com Arruda (1998, p. 27): “Tais pronúncias, foram trazidas pelos portugueses e bandeirantes, que as empregavam à maneira vigente.” Embora os espanhóis tivessem chegado primeiro, não povoaram Mato Grosso, “suas vilas não progrediram e foram, mais tarde, abandonadas.” (SIQUEIRA, 2002, p. 27). Desta forma, houve pouco contato linguístico.

Souza (2015, p. 47) explica que: “A língua portuguesa do Brasil e as hipóteses de sua constituição são alvo de diversos estudos, enfocando-se sua variedade linguística em relação ao português de Portugal.”

III. Rotacismo da lateral dental em grupo consonantal e em coda silábica:

Muitas vezes visto como um erro em relação à língua padrão, o rotacismo é um fenômeno recorrente na língua portuguesa e é caracterizado pela troca da consoante lateral dental /l/ pela vibrante alveolar /r/. Este fenômeno é estudado por muitos autores preocupados com as abordagens sociolinguísticas, dentre eles (COX; ASSAD, 1999; BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007)

Primeiramente, uma possível justificativa para essa troca no português brasileiro é pela semelhança fonética de ambas consoantes que possuem articulações parecidas, como é o caso das laterais e vibrantes em questão que possuem ponto de articulação muito próximo. Também, como se sabe a língua é heterogênea e o rotacismo faz parte desse processo de transformação dos falares, dos contatos linguísticos, de fatores linguísticos e extralinguísticos, entre outros. De acordo com Bagno (2007, p. 73-74): “O que é tratado como suposto “erro” é, na verdade, prosseguimento de uma tendência muito antiga no português e em outras línguas.”

Vejamos exemplos das ocorrências de rotacismo da lateral dental em grupo consonantal e em coda silábica no falar dos informantes, de acordo com o fator extralinguístico idade, primeiramente.

a) Fator extralinguístico faixa etária: de 18 a 27 anos

(16) [...] por ser pequena não tem o que outros cidades grandes oferece né... tipo universidade... um hospital de qualidade por **exemplo**, emprego pra todos. (1F27)

b) Fator extralinguístico faixa etária: 34 a 45 anos

(17) O **crima** de Poconé aqui é muito quente. (2F44)

(18) se ocê fô ligá pra isso cê briga com todo mundo né e num **resorvido** né. (2F44)

(19) Ponto positivo de ser poconeano... olha... é a veracidade assim que eu falo, a **simplicidade** de um povo... (2M34)

c) Fator extralinguístico faixa etária: a partir de 50 anos

(20) A gente chupa, descasca ele e põe na boca... é o **chicrete** poconeano a bocaiuva né... (3M53)

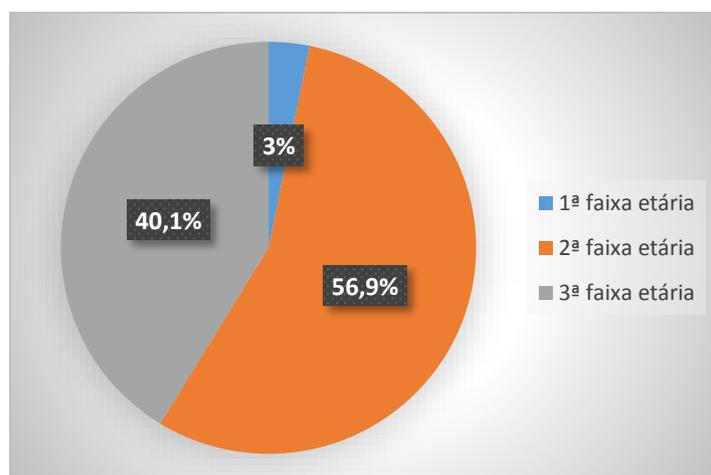
(21) nós samos muito parados... nós somos... aceitamos tudo que vem... **recramamos** mas aceitamos... num fazemos nada pra mudá. [...] aqui só tem a **crasse média**... **crasse média** e **crasse média baixa**... (3F54)

(22) **Quarquer** fresquinha pra nós já tá fria demás. (3M74)

(23) Dona Maria dá graças a Deus quondo vem **arguém** aqui panhá mánga.
(3M74)

A seguir apresentamos o gráfico 7 que ilustra as ocorrências de rotacismo de acordo com o fator faixa etária:

Gráfico 7: Ocorrência de rotacismo por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o gráfico 7, das 65 ocorrências de rotacismo, 3%, o equivalente a 2 usos, ocorreram na primeira faixa etária. De modo que uma ocorrência deu-se na fala de uma mulher e a outra na fala de um homem.

Já na 2ª faixa etária, que vai dos 34 aos 45 anos, houve uma ocorrência de 56,9% de uso do rotacismo, o equivalente a 37 ocorrências, sendo que, dessa porcentagem, 32,4%, o correspondente a 12 usos, ocorreram na fala das mulheres. Em contrapartida, 67,6% de ocorrências do rotacismo, o equivalente a 25 usos, deram-se na fala dos homens.

Na 3ª faixa etária, a partir dos 50 anos, vemos a ocorrência de 40,1% da totalidade dos rotacismos presentes nos dados, percentual equivalente a 26 usos. Deste

percentual, 50% das ocorrências se deram tanto na fala dos homens quanto na fala das mulheres, ou seja, houve o equivalente a 13 ocorrências para homens e 13 para mulheres.

As ocorrências de rotacismos foram encontradas, predominantemente, na fala dos mais velhos, a entender, a 2ª e 3ª faixas etárias. Possivelmente o contato linguístico, de geração para geração fez com que essa forma linguística perpetuasse, bem como o contato dos mais jovens com as instituições normativas faz com que essa variação diminua. Bortoni-Ricardo (2004, p. 51) explica que:

Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, também chamado de ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas.

O rotacismo é encontrado principalmente na fala dos indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade, esse fato é observado por meio dos trabalhos que já evidenciaram a ocorrência dessa variação, como por exemplo, Teixeira (1938) nos estudos sobre o falar mineiro; Nascentes (1923) em seus estudos sobre o linguajar carioca; Amaral (1920) sobre o dialeto caipira; Macedo-Karim (2012) sobre o falar em Cáceres-MT; entre outros estudos.

Sobre esse fenômeno Marroquim (1934, p. 27) explica que:

A transformação do *l* medial em *r* é fato atribuído igualmente ao tupi. O indígena, além de não ter aquele fonema na sua língua, quando depois do descobrimento se pôs em contacto com objetos novos e desconhecidos para os quais tinha que adotar o nome português, amoldou-o sempre à sua fonética.

Embora a ocorrência seja explicada pelo contato com o falar indígena, Marroquim (1934, p. 29) ressalva que: “Não podemos generalizar, assim, a influência da língua tupi no fenômeno em análise. O impulso inicial, podemos dizer que foi trazido de Portugal”. O autor explica ainda que esse fenômeno apenas se desenvolveu aqui e que o Tupi pode ter influenciado para o aumento no uso da variação.

A troca do *l* por *r*, no português brasileiro, deu-se em sua formação, no português arcaico. “No português arcaico encontramos: enxemplo, ingrês, groria, grorioso, craro, paravra, prantar, esprandecente, incrinado, frol, escrarecer” (Marroquim, 1934, p. 29)

Esse fenômeno é considerado errado e muitas vezes o falante é vítima de preconceito por utilizar essa variável caracterizada como estigmatizada, porém Bagno (2002, p. 40) explica que: “Ora, estudando cientificamente a questão, e fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um *fenômeno fonético* que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão.”

IV. Variação na concordância nominal de gênero

Este fenômeno linguístico também encontrado em alguns municípios do Alto Pantanal Mato Grossense é caracterizado pelo fato de que o falante foge ao que é esperado pela gramática normativa, utilizando feminino quando se pede masculino e vice-versa.

Vejamos alguns exemplos nos dados, das falas dos informantes:

(24) **A cavalhada é divido** em dois exércitos... (1M18)

(25) **...tem aquela ponto turístico** a igreja matriz. (1F27)

(26) O povo tá saindo daqui da cidade **pra ir pra outro cidade né**. (2F44)

(27) **a dança dos mascarados assim eu sei que ele é uma dança...** composto só por homens. (2M34)

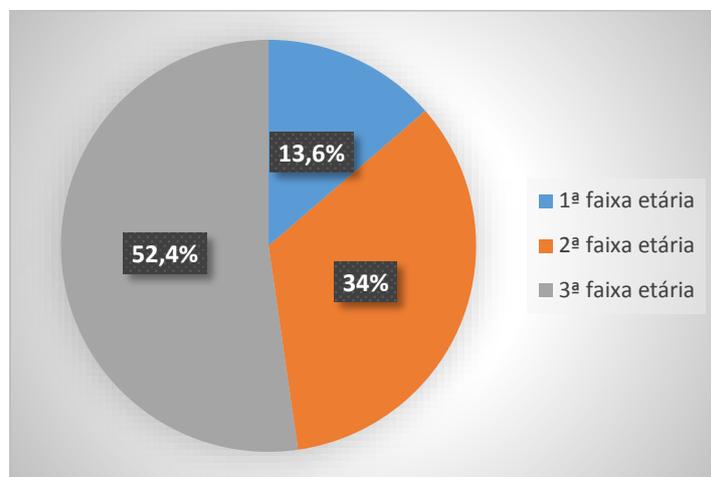
(28) Nós reúne a família **lá no chácara...** (3F50)

(29) **Quando tem criança novo** assim fala que tá com quebrante...vai pra benzê.

(3M53)

Para uma melhor observação do fenômeno vejamos o gráfico 8 que ilustra a visão geral das ocorrências de variação na concordância nominal de gênero em cada faixa etária:

Gráfico 8: Visão geral: a ausência concordância de gênero por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

Salientamos que, embora os informantes utilizem as duas variedades, tanto presença quanto ausência de concordância de gênero, a variação em destaque aqui na análise é a ausência na concordância de gênero.

A ausência na concordância nominal de gênero foi encontrada em todas as faixas etárias, entretanto com maior predominância no falar dos informantes mais velhos, da 2ª e 3ª faixa etária, independente do sexo, mostrando que o fator extralinguístico idade foi relevante para mostrar o uso da variação.

Neste gráfico 8, das 44 ocorrências de variação da ausência de concordância de gênero encontradas nos dados, 13,6%, o equivalente a 6 episódios de variação, ocorreram na primeira faixa etária. De modo que, dessas 6 ocorrências de variação, 33,3%, o correspondente a 2 usos, deram-se na fala das mulheres, enquanto que 66,7%, o equivalente a 4 usos, ocorreram na fala dos homens.

Já na 2ª faixa etária, dos 34% de ocorrências correspondente a 15 usos, 93,3%, o equivalente a 14 usos, deu-se na fala das mulheres. Por outro lado, 6,7%, correspondente à apenas uma ocorrência, deu-se na fala de um homem.

Do total de ocorrências de variação na concordância de gênero, 52,4% ocorreu na 3ª faixa etária, o equivalente a 23 usos. Desses números, 47,8%, o equivalente a 11 usos, deram-se na fala das mulheres, em contrapartida, 52,2% das ocorrências de variação, correspondente a 12 usos, ocorreram na fala dos homens.

De acordo com Rocha Lima (1974, p. 65):

Gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante. Masculino é o substantivo que se puder juntar à forma masculina de um adjetivo, ou ao artigo *o*, em contraposição ao feminino, que representa o que se puder juntar à forma feminina de um adjetivo, ou ao artigo *a*.

Essa variação também foi encontrada no falar da comunidade em Cáceres pela pesquisadora Macedo-Karim (2004; 2012), no Alto Pantanal. Foi também encontrado na denominada baixada cuiabana, por meio dos estudos de Lima (2006) que justificou esse uso devido à oscilação da marcação do gênero gramatical; Dettoni (2003) também encontrou esse fenômeno em seus estudos e justifica essa variação como uma neutralização do gênero; Pacheco (2010) em seu estudo sobre a variação na concordância na baixada cuiabana; foi encontrada também no dialeto caipira estudado por Amaral (1920), entre outros estudos.

Como as amostras demonstraram maior ocorrência da variação pelos mais velhos, percebemos que a 1ª faixa etária está optando pela variante conservadora, a variedade padrão do português brasileiro, possivelmente pelo maior contato com as instituições normativas, como o mercado de trabalho atual, por exemplo.

V. Alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal.

Este fenômeno com muitas ocorrências nas entrevistas e que chamou muito a atenção é o que chamaremos, nesta dissertação, de alçamento da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal, ao contrário do que ocorre em geral na língua portuguesa.

Observemos as ocorrências nas falas dos informantes:

a) Fator extralinguístico faixa etária: de 18 a 27 anos

(30) [...] e bebida tem **bastante** licor né... licor de leite... licor de jabuticaba. (1M18).

(31) [...] **antes** da festa tem as novenas. (1M25).

b) Fator extralinguístico faixa etária: de 34 a 45 anos

(32) [...] até em Cuiabá cê qué saí numa **distância** cê num vai de pé né. (2F44).

(33) **Falando** assim do... da emancipação... da cidade... passou por um processo de arraial... aí depos teve a emancipação. (2M34).

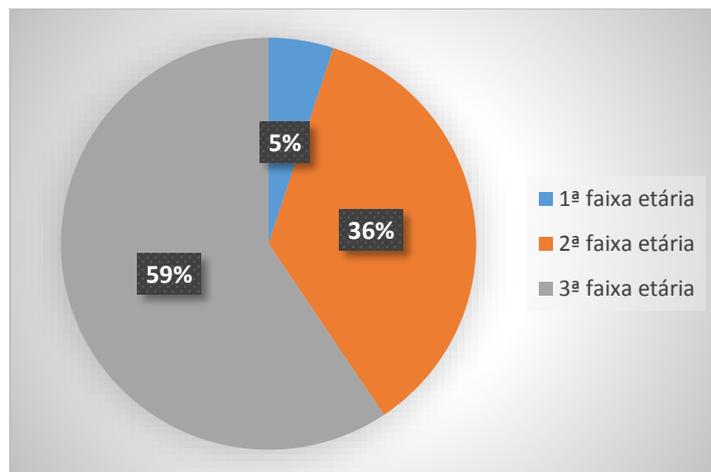
c) Fator extralinguístico faixa etária: a partir de 50 anos

(34) **Quándo** a genti tinha sítio era outra coisa. (3F50).

(35) Tem o baile... Por exemplo... do Espírito **Sânto** faz o baile do vermelho né. (3M53).

Nessas amostras já é possível perceber que o fenômeno ocorre em todas as faixas etárias. Desta forma vejamos, por meio do gráfico 9, as frequências com que esse fenômeno ocorre em cada faixa etária.

Gráfico 9 – Visão geral: ocorrência de alçamento da vogal central baixa /a/



Fonte: Elaborado pela autora.

Neste gráfico 9 vemos que, das 197 ocorrências de alçamento de vogal central baixa /a/, 5%, o equivalente a 10 usos ocorreram na primeira faixa etária. Dessas 10 ocorrências, 100% ocorreram na fala dos homens.

Já na segunda faixa etária, vemos que houve 36% de ocorrências do fenômeno, correspondentes a 70 usos, dentre os quais, 44,2%, equivalentes a 31 usos, ocorreram na fala das mulheres, enquanto que 55,8%, correspondentes a 39 usos, deram-se na fala dos homens.

Na 3ª faixa etária houve o maior número de ocorrências com um percentual de 59%, o equivalente a 117 usos. Desse número, 31,6%, o correspondente a 37 usos ocorreram na fala das mulheres, enquanto que 68,4%, o equivalente a 80 usos, deram-se na fala dos homens.

Com isso, percebemos que a ocorrência do fenômeno está diminuindo de acordo com a faixa etária, a perceber, pois o maior número de ocorrências se deu na 2ª e 3ª faixa etária, enquanto que os mais jovens pouco usaram a variação.

Esse fenômeno já foi relatado brevemente por outros estudiosos, como Pacheco (2010) em sua pesquisa sobre o falar da baixada cuiabana, Bisinoto (2000) no falar cacerense, e outros. Ainda, Bagno (2012, p. 317) afirma que na variedade paulista esse fenômeno também é recorrente devido ao contato linguístico com italianos.

Para entendermos um pouco mais sobre como ocorre esse fenômeno de alçamento da vogal central baixa /a/ no falar poconeano, vejamos, a seguir, uma tabela com palavras encontradas nos dados das entrevistas.

Tabela 5 – Alçamento da vogal central baixa /a/ em ambiência de nasalização

Forma gráfica padrão	Forma gráfica variante	Transcrição Fonética
Antes	Ántes	[ˈaːnˈtj]
Banana	Bánána	[baːˈnaːna]
Criança	Creánça	[kreːˈaːnsa]
Falando	Faláno	[faːˈlaːno]/ [faːˈlaːno]
Quando	Quáno	[ˈkuaːdo]/ [ˈkuaːdo]
Tranquilo	Tránquilo	[traːˈkuilo]/ [traːˈkuilo]
Distancia	Distância	[dijˈtaːnsja]
Santo	Sánto	[ˈsaːto]/ [ˈsaːto]
Bastante	Bastánte	[baʃˈtaːte]
Dança	Dánça	[ˈdaːsa]
Manga	Mánça	[ˈmaːga]
Deixando	Deixáno	[dejˈʃaːno]/ [dejˈʃaːno]
Zangava	Zángava	[zaːˈgava]
Anda	Ánda	[ˈaːda]
Adianta	Adiánta	[adziˈaːta]
Poconeano	Poconiáno	[pokoniˈaːno]
Antigo	Ántigo	[aːˈtigo]/ [aːˈtigo]
Ando	Ándo	[ˈaːdo]
Descansado	Descánsado	[deʃkaːˈsado]
Mudança	Mudánça	[muːˈdaːsa]
Grande	Gránde	[ˈgraːde]
Segurança	Seguránça	[seguːˈraːsa]

Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre nasalização Quintino (2012, p. 167) explica que:

Há muito se sabe que o traço [nasal], que corresponde à propriedade de ter o véu palatino abaixado na produção de um segmento, pode se superficializar como uma propriedade não apenas de um segmento mas de uma sequência de segmentos nas palavras de alguma língua. Do ponto de vista descritivo, isso acontece quando um segmento subjacentemente nasal, que pode ser uma consoante fonêmica nasal ou uma vogal nasal, aciona a nasalização de uma cadeia de segmentos adjacente de forma previsível e fonologizável.

O que acontece nesse fenômeno, especificamente, é que a vogal central baixa /a/ em ambiente nasal, ao invés de realizar-se também como nasal, perde essa característica. Neste caso a vogal funciona, de acordo com o que propõe Walker (1998), como um segmento transparente, que permanece oral mas não bloqueia a nasalização do segmento subsequente, e, acrescentamos ainda que não se trata apenas do segmento subsequente, mas de todo ambiente nasal.

Desta forma, entendemos que, nos dados obtidos, a vogal /a/ não sofre influência do ambiente nasal em que está inserida, acontecendo então como oral, porém sem influenciar nos outros segmentos.

A explicação para a ocorrência desse fenômeno, para nosso entendimento, como não houve distribuição complementar, é possivelmente um caso de contato linguístico que se perpetuou até os dias de hoje na fala do poconeano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado na comunidade de Poconé-MT, localizada no Alto Pantanal Mato-Grossense.

O objetivo foi demonstrar os usos linguísticos correntes no município, quantificar e analisar algumas ocorrências, descrever os aspectos culturais mais relevantes no município atualmente, bem como analisar as atitudes linguísticas dos informantes frente sua língua e seu posicionamento enquanto parte de uma sociedade.

Poconé é uma cidade com muita tradição. A maioria de seus habitantes preservam até hoje muitas tradições, como por exemplo a cavalhada, os mascarados, e outros. Essa preservação da cultura local nos fez perceber que o poconeano constrói sua identidade como poconeano através dessas manifestações culturais, tanto é que a tradição é passada de pai para filho. Manter as tradições é uma forma que os poconeanos encontraram para se definirem enquanto identidade de um povo.

Com relação aos usos linguísticos, concluímos, devido à comparação com os estudos de Macedo-Karim (2004; 2012), Bisinoto (2000), Lima (2006), Silva (2000), Almeida (2000), e outros, que o falar de Poconé muito se assemelha aos falares dos municípios da região do Alto Pantanal Mato-Grossense. Entre eles: a alternância do ditongo [ãw] e [õ]; a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés de [ʃ] e [ʒ]; a variação na concordância de gênero; o rotacismo; o alçamento do vogal central baixa /a/; e também possui características semelhantes ao dialeto caipira do interior de São Paulo estudado por Amaral (1920), no falar nordestino por Marroquim (1934), por Nascentes (1923) no linguajar carioca, por Teixeira (1938) no falar mineiro.

Verificamos também que a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés de [ʃ] e [ʒ] é um fenômeno que também foi encontrado por Macias (2003) e Amaral (1920) em algumas regiões de Portugal, o que nos faz pensar que a hipótese do contato linguístico com os colonizadores portugueses se confirma.

Detalhadamente, evidenciamos que, com relação ao uso e alternância do ditongo [ãw] e [õ] ocorre de maneira equilibrada em todas as faixas etárias. Das 418 ocorrências da variação, 195 usos, o equivalente a 47% foram do uso da variante inovadora [õ],

enquanto que a variante conservadora [ãw] ocorreu numa porcentagem de 53%, ou seja 223 ocorrências.

Embora os gráficos destaquem apenas a ocorrência da variante regional, destacamos que a variação padrão, dita conservadora, ocorre na comunidade na proporção em que se referem os gráficos, ou seja, quanto menor o uso da variante regional, supõe-se que maior é o uso da variante padrão e vice-versa. Ambas ocorrem alternando-se, valendo esta observação para todos os gráficos das variações elucidadas no estudo.

Com relação ao uso das africada [tʃ] ao invés de [ʃ], das 17 ocorrências da africada [tʃ] encontradas nos dados, a maioria, 65%, que correspondente a 11 usos, ocorreram na segunda faixa etária, enquanto que 35%, equivalente a 6 usos, ocorreram na terceira faixa etária, de modo que não foi encontrado nenhum uso da africada [tʃ] na primeira faixa etária.

Das 46 ocorrências da africada [dʒ] ao invés de [ʒ], na 1ª faixa etária houve apenas 2% de ocorrência, o equivalente a 1 uso, por um homem. Esse fato, de poucas ocorrências africadas, pode ser justificado pela idade e pelas situações das quais os mais jovens estão passando. Na 2ª faixa etária, que vai dos 34 aos 45 anos, houve uma porcentagem de 44% de ocorrências da africada [dʒ], o equivalente a 20 usos. Já na 3ª faixa etária houve uma ocorrência de 54% da africada [dʒ], o equivalente a 25 usos.

Para o fenômeno do rotacismo, encontramos 65 ocorrências. Desse número, 3%, o equivalente a 2 usos, ocorreram na primeira faixa etária. Já na 2ª faixa etária, que vai dos 34 aos 45 anos, houve uma ocorrência de 56,9% de uso do rotacismo, o equivalente a 37 ocorrências. Enquanto que, na 3ª faixa etária, a partir dos 50 anos, vemos a ocorrência de 40,1% da totalidade dos rotacismos presentes nos dados, percentual equivalente a 26 usos.

A variação na concordância nominal de gênero foi encontrada em todas as faixas etárias, entretanto com maior predominância no falar dos informantes mais velhos, da 2ª e 3ª faixa etária, independente do sexo, mostrando que o fator extralinguístico idade foi relevante para mostrar o uso da variação. Das 44 ocorrências de variação na concordância de gênero encontradas nos dados, 13,6%, o equivalente a 6 episódios de variação, ocorreram na primeira faixa etária. Já na 2ª faixa etária houve 34% de

ocorrências correspondente a 15 usos, enquanto que 52,4% ocorreu na 3ª faixa etária, o equivalente a 23 usos.

Nos deparamos com um fenômeno linguístico até então pouco conhecido nos estudos do falar Mato Grossense, que é o alçamento da vogal central baixa /a/ em ambiente nasal, a qual ao invés de realizar-se também como nasal realiza-se como oral. Em seus estudos Bagno (2012, p. 317) afirma que na variedade paulista esse fenômeno também é recorrente devido ao contato linguístico com italianos. O que nos faz pensar que, em Mato Grosso, esse fenômeno surgiu pelo contato com os paulistas em período de colonização.

Das 197 ocorrências de alçamento de vogal central baixa /a/, 5%, o equivalente a 10 usos ocorreram na primeira faixa etária. Já na segunda faixa etária, vemos que houve 36% de ocorrências do fenômeno, correspondentes a 70 usos. Na 3ª faixa etária houve o maior número de ocorrências com um percentual de 59%, o equivalente a 117 usos.

Nesta dissertação buscamos evidenciar os usos linguísticos mais frequentes no falar poconeano. Entendemos que os objetivos foram alcançados e os dados possibilitaram as análises.

Desta forma, estendemos que este estudo pode auxiliar outros pesquisadores da área em futuros estudos em Sociolinguística, sobretudo com relação ao falar matogrossense.

Em se tratando do falar de uma comunidade, ainda há muito que se falar, fato que nos impulsiona para próximos estudos sobre o falar poconeano, bem como sobre falar em Mato Grosso, de modo geral.

REFERÊNCIAS

ALKMIM Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à linguística – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira: gramática, vocabulário. 4ª. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1920.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo. 1979.

ARRUDA, António de. O linguajar Cuiabano e outros escritos. Cuiabá, MT. Ed. do Autor, 1998.

BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. Parábola Ed., 2012.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. O que é, como se faz. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BASSI, Alessandra. MARGOTTI, Felício Wessling. Variantes Lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. IN: ALTINO, Fabiane Cristina (Orgs.). Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vandercí de Andrade Aguilera. 2012.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Atitudes linguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório. 2000. 118 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.

BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Edipucrs, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. Educação em língua materna: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CINTRA, Geraldo. Transcrição da fala corrente: teoria e observação. Estudos linguísticos XXI – Anais de Seminários do GEL. Jaú: Fundação Educacional —Raul Bauab, Vol. I: pp. 614-620, 1992.

COX, M. I. P.; ASSAD, C. F. O ele e o erre só trazem 'compricação' – um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. Revista de Educação Pública, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.

DETTONI, Rachel do Valle. A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2003.

_____. A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. IN: Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Orgs.). Cuiabá, Cathedral Publicações, p. 51-67, 2005.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: _____. Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje. Barcelona: Editorial Ariel, SA: p. 179- 193, 1998.

FRAGA, Letícia. Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

GARCIA-WATANABE, Dolores Aparecida. Águas pantaneiras nos ritos, mitos da educação ambiental, 2006.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=510650&search=mato-grosso|pocone|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

GUIMARÃES, Lauristela. Danças e festas religiosas: A cultura popular. Editora: Primeira página, Cuiabá. 2011.

IPHAN. Dossiê Patrimônio Cultural Apresentação. Sociedade e Cultura, v. 8, n. 2, 2005.

KARIM, Taisir Mahmudo. CRUZ, Beatriz A. Acosta F. da. Marcas de nomeação: entre o selvagem e o urbano: Nomes que contam histórias de Poconé. IN: KARIM, Taisir Mahmudo. DI RENZO, Ana Maria. BRESSANIN, Joelma Aparecida. MACEDO-KARIM, Jocineide. Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

LABOV, Willian. Estágios na aquisição do Inglês Standard. In: FONSECA, Maria Stella V. da; NEVES, Moema F. (Orgs.) Sociolinguística. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1974.

LABOV, William. Resolving the Neogrammarian Controversy Language, v. 57, n. 2, p. 268-307, 1981.

LAMBERT, Wallace E. *et al.* Evolutional reactions to spoken languages. In: Journal of abnormal and Social Psychology, v. 60, n. 1, 1960.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. Psicologia social. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1966.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

LIMA, José Leonildo. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

_____. O gênero gramatical: uma triangulação entre o falar cuiabano, o dialeto caipira e o Português Europeu. IN: Linguagem, História e Memória – discursos em movimento. DI RENZO, A.; MOTTA, A. L. A. R.; OLIVEIRA, T. P. (Orgs.). Campinas: Pontes, p. 133-147, 2011.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. A teoria da variação linguística. Bahia, Vertentes do português popular do Estado da Bahia. Disponível em:< [http: www.vertentes.ufba/a-teoria-davariação-linguística](http://www.vertentes.ufba/a-teoria-davariação-linguística)>. Acesso em 03 de jun de 2016, v. 20, 2012.

MACEDO-KARIM, Jocineide. A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

MACEDO-KARIM, Jocineide. A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais. Tese de doutorado. UNICAMP, 2012.

MACIAS, Dina Rodrigues. 64-Dialecto rionorês: contributo para o seu estudo. 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da conversação. 4ª. ed. São Paulo: Ática., 1998.

MARROQUIM, Mário A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco. 3. ed. Curitiba, PR: HD Livros Editora, 1934.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso. Cortez Editora, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. IN: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. 2. ed. completamente refundida, Rio de Janeiro: Organização Simões, 1923.

PACHECO, Cíntia da Silva. Padrões sociolinguísticos da concordância de gênero na baixada cuiabana. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 2010.

PAGIOLLI, Adalberto Antonio. Síntese Biográfica dos Cururueiros de Poconé. Cuiabá: Espaço e Editora Gráfica e Publicidade, 2014.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga Maria Luiza. (Orgs.) Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Grammatica historica. 1919.

POCONÉ. Cidades Mato-Grossenses. Cuiabá, 2004. Disponível em: <<http://www.mtnews.com.br/cidades/pocone.html>>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. Aspectos da fonologia Xavante e questões relacionadas: rinoglotalia e nasalidade. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2012.

RIBEIRO, Júlio. Grammatica Portugueza. 1ª ed. São Paulo: Typ[ographia] de Jorge Seckler, 1881.

ROCHA LIMA. Gramática normativa da língua portuguesa. 17. Ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1974.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. Cadernos de letras da UFF–preconceito linguístico e cânone literário, v. 36, p. 45-56, 2008

RONDON, J. LUCÍDIO N. Poconé, sua terra e sua gente. 1978. [S.l., s.n.].

SAPIR, E. Linguística como ciência: ensaios. Seleção, trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1968.

SELLA, Aparecida Feola. BUSSE, Sanimar. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas e falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. IN: ALTINO, Fabiane Cristina (Orgs.). Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vandercí de Andrade Aguilera. 2012.

SILVA, Mariza Pereira. Um Estudo de Variação Dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT. Campinas-SP: IEL – UNICAMP, 2000.

SILVA, Ilsa Helena Gomes Procopio. Educação, Cultura e Tradição: Tessituras de Uma Comunidade Tradicional do Pantanal de Poconé, Mato Grosso – Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado. 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SOUZA, Luciene Guimarães de; PAGLIARO, Heloisa; SANTOS, Ricardo Ventura. Perfil demográfico dos índios Bororo de Mato Grosso, Brasil, 1993-1996. Cad. Saúde pública, v. 25, n. 2, p. 328-336, 2009.

TARALLO, Fernando. A pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática. 1985

TEIXEIRA, José Aparecido. O falar mineiro. IN: Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938.

WALKER, Rachel Leah. Nasalization, neutral segments and opacity effects. Tese. University of California Santa Cruz. Califórnia, EUA. Ed. Routledge, 1998.

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO****Ficha de identificação do informante**

Número do áudio do informante: _____

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Naturalidade: _____

Estado civil: _____ Naturalidade da esposa/o: _____

Escolaridade: _____

Trabalho/Ocupação: _____

Religião: _____

Você já viveu fora da cidade de Poconé? Por quanto tempo?

Naturalidade do Pai: _____

Naturalidade da Mãe: _____

Endereço atual: _____

O roteiro da entrevista

1. Qual a história/origem de Poconé? Você conhece?
2. Qual o significado do nome do município?
3. Você gosta de morar em Poconé? Por quê?

4. Em sua opinião é melhor viver no campo ou na cidade? Por quê?
5. Você tem satisfação em ser um/a Poconeano? Por quê?
6. Em sua opinião qual o ponto positivo e o ponto negativo de ser Poconeano?
7. Quais as atividades desenvolvidas em Poconé? (Pecuária, agricultura)
8. Em sua opinião o que deveria ser mudado em Poconé-MT?
9. O que você acha do clima de Poconé-MT?
10. O que vocês, normalmente, fazem nos finais de semana?
12. Quais tradições poconeanas fazem parte da sua vida e de sua família (as danças, as rezas)? Em que época acontecem?
13. Em Poconé há tradição de algum festejo religioso? Qual e como acontece?
14. Como é a dança dos mascarados? E a cavalhada?
15. Quais são as comidas e bebidas típicas de Poconé-MT?
16. Você conhece as frutas típicas da região? Quais são?
17. Você conhece rezas, simpatias, cantigas, versos, que foram transmitidos pelos mais velhos? Lembra de alguma agora?
18. Em Poconé há tradição de rezadeira, benzedeira ou mãe de santo? Quando elas são solicitadas?
19. Você conhece alguma lenda de Poconé? Qual?
20. Como você acha que as pessoas de fora veem os Poconeanos?
21. Em sua opinião quais são as características do Mato-Grossense?
22. Das pessoas que moram aqui, quem conserva mais os costumes, as tradições?
23. Você tem amigos que não são poconeanos? (Em caso de resposta negativa) Por que não?
24. Como vocês se conheceram? Como é a relação de vocês?
25. Você gosta do jeito de falar das pessoas que vem de fora (nordestinos, gaúchos, cariocas)? Você acha que é diferente do seu jeito de falar?

26. O que as pessoas de fora comentam do jeito de falar poconeano? Você já ouviu algum comentário e como reagiu?
27. As pessoas de fora costumam apelidar os poconeanos?
28. Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas de fora?
29. Quais os pontos turísticos de Poconé?
30. Vêm muitos turistas de fora visitar Poconé? De onde eles vêm?
31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que eu não perguntei?

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: *A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E OS ASPECTOS CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE POCONÉ-MT.*

Responsável pela pesquisa: Jaqueline Dias da Silva

Endereço e telefone para contato:

Rua 02 – Quadra 18 – Casa 08 – Bairro DNER – Cáceres/MT – Fone: (66) 96495042

Equipe de pesquisa: Prof^ª Dra. Jocineide Macedo Karim e Jaqueline Dias da Silva.

O objetivo desta pesquisa é investigar os aspectos Sociolinguísticos, bem como as atitudes em relação à cidade, à cultura e ao grupo de pessoas vindas de fora da comunidade. Esta pesquisa pretende oferecer contribuições para os estudos na área da Linguística. Os benefícios esperados por meio desta pesquisa são: contribuir para a descrição do português falado no Brasil, bem como possibilitar o interesse para produções relacionadas às diversidades linguísticas da região sul de Mato Grosso, de modo a contribuir para a divulgação do falar mato-grossense. A pesquisadora responsável assume que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em qualquer das formas de divulgação do estudo e de seus resultados, preservando, assim, o anonimato dos mesmos.

Os possíveis riscos desta pesquisa estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista, ou entender que a entrevista está acontecendo em momento indevido. Pode ocorrer ainda de o participante se incomodar com a duração da pesquisa, que tem previsão de 1 hora, aproximadamente. Ainda, corre-se o risco de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal. Porém, para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade do participante, informando-o da duração prevista da entrevista. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante relatar, a pesquisadora

compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante.

Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, expor algum detalhe que o incomode e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta desconfortável diante da pesquisadora.

O informante receberá uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e terá liberdade de retirar o Consentimento, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhante/tratamento usual. Assinar a última página e rubricar as demais.

Local e data: _____

Nome _____

Endereço: _____

RG/ou CPF _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Responsável pela Pesquisa: _____

JAQUELINE DIAS DA SILVA